PLACAR

REVISTA ESPORTIVA SEMANAL DA EDITÔRA ABRIL • NÚMERO 42 • 1/JANEIRO/1970 • Cr$ 1,50

EMERSON CAMPEÃO!
7 páginas
e mais um poster
a côres.

VIVA ZANATA!

BOA, LUÍS CARLOS!

...no de Osman:

...ANTOS NÃO JOGA ...O BRASIL EM 71!

EXCLUSIVO

ZAGALO EXPLICA AS MUDANÇAS

Oto Glória, Zagalo, Zezé Moreira, Admildo Chirol e Telê: cinco dos nossos melhores técnicos. O sucesso de um pode depender do fracasso de outro. Mas embora raramente juntos, são amigos e vivem os problemas comuns de quem se arrisca a dirigir times grandes. Placar, que algumas vêzes criticou alguns, até àsperamente, reuniu-os no fim do ano. E, com a mesma seriedade das críticas, coloca-se solidário à briga em que êles gritam:

NÓS QUEREMOS UMA PROFISSÃO

Em volta da mesa, cinco dos mais famosos técnicos do Brasil — Zagalo, Zezé Moreira, Telê, Oto Glória e Admildo Chirol — participam do jantar promovido por **Placar.** O que seria uma noite de confraternização logo se transforma num movimento para regulamentar a profissão de técnico de futebol:

— Temos que unir nossa classe. Vamos ao ministro da Educação, ao presidente da República, a todo mundo. Chegou nossa vez.

O que querem os cinco? Querem apenas a regulamentação da profissão e uma associação que os una, que os defenda, que os salve, pelo menos profissionalmente, das manobras políticas que envolvem os clubes. Querem que as funções de técnico e supervisor sejam ocupadas exclusivamente por pessoas ligadas ao futebol. Mais ainda: pelo ex-jogador, que deve ter direito a fazer um curso de especialização e, com maior experiência, transformar-se em supervisor.

— Por que não aproveitamos esta oportunidade para começarmos a formação de uma comissão, a fim de difundirmos a idéia da necessidade da criação da Associação dos Técnicos e seus objetivos? (Admildo Chirol.)

A sugestão é bem recebida. Zezé Moreira e Oto Glória, os mais experientes, centralizarão a campanha.

— O ideal é dar um toque sério ao movimento. Êstes são os homens capazes disso. (Admildo Chirol.)

Os técnicos começaram a abrir o ôlho com alguns fatos acontecidos depois da Copa. Mas o estopim de tudo foi o caso entre Zagalo e o Botafogo. O clube, se não des-

moralizou, tentou desmoralizar o técnico campeão do mundo, que lhe deu cinco títulos. Agora o Botafogo quer até receber dinheiro de Zagalo, que passa por alto sôbre o assunto:

— A gente deve separar as coisas. As mágoas são pessoais. Os clubes devem ser protegidos, pois nada têm a ver com os erros dos homens que os dirigem temporàriamente. O importante é que **Placar** vai levar a todo o Brasil a semente que estamos plantando nesse jantar. É preciso que todos os técnicos compreendam a importância e o alcance dessa luta. Zagalo tem uma fórmula (logo batizada de **vestibular** pelos outros técnicos) para a regulamentação da profissão. Todos fazem questão de definir a posição geral: não querem concorrer com as escolas de educação física. Pedem apenas a criação de um curso paralelo, dentro ou fora das escolas, para diplomar os que já exercem a profissão. O diploma seria uma proteção e o documento necessário para a entrada na associação, que mais tarde se transformaria em sindicato.

— Eu e o Zagalo, por exemplo, já ultrapassamos a idade para entrar numa escola de educação física. Quer dizer, se não encontrarmos uma fórmula para corrigir a distorção, fatalmente seremos profissionais marginalizados no exercício do cargo. (Telê Santana.)

— Olha, na Europa já não existe êsse problema. Os técnicos fazem o curso depois de preencherem determinadas exigências. Mas só assim, com o diploma, podem exercer a profissão. (Oto Glória.)

DE QUEM É A CULPA

Zagalo mostra que estuda o assunto há muito tempo, tem até o esquema para o curso paralelo:

1. Todos os técnicos com um tempo x de profissão estariam habilitados a se inscrever no curso.
2. O curso não teria duração definida, para fazer justiça a todos (de acôrdo com o tempo de atividade), aos títulos de cada um.

A situação de cada um seria calculada em pontos. Quem atingisse o máximo de pontos, faria um curso de duração menor. Os de menor soma de pontos, evidentemente, teriam que ficar mais tempo na escola.

— Êsse curso não esvaziaria as escolas de educação física, que continuariam formando professôres, aptos ao exercício da função de técnicos. Mas o fato é que poucos dos diplomados nas escolas de educação física vão ser técnicos de futebol. A maioria, quando segue a profissão, ou se dedica à preparação física ou a lecionar em escolas. (Admildo Chirol.)

Para êstes homens o clube é seu segundo lar, sua segunda família. A preocupação constante de todos êles é uma só: defender o futebol.

— Já me propuseram escrever um livro de memórias, só que eu teria de mostrar o lado negativo do futebol. Eu jamais faria isso, por dinheiro algum. Acho que os técnicos devem escrever, mas sôbre técnica, em têrmos de lição, nunca para desgastar o futebol ou ridicularizar a figura do jogador ou a sua própria. (Zezé Moreira.)

Então Zezé Moreira descobre que até o instante do jantar promovido por **Placar** a imagem do técnico era a de um homem distante de seus companheiros de profissão, desunidos.

— Depois de tantos anos de futebol, pela primeira vez na minha vida vejo uma reunião dêsse tipo. Os técnicos precisam disso, de união. De mostrar aos dirigentes, jogadores e público que são uma classe como as outras. Que sabem se mobilizar no momento de lutar por seus interêsses, de proteger os colegas. Esta iniciativa de **Placar** deve ser o ponto de partida para reuniões, informais ou não, de técnicos. Em São Paulo, Minas, Rio Grande do Sul, Pernambuco, Pará.

— É isso mesmo, Zezé. Temos que mostrar aqui que o técnico é o partido forte do jôgo rasteiro. A bola no chão, rolando mansinha. Zezé disse bem. Se a nossa profissão está se esvaziando, quem sabe a culpa é nossa? (Oto Glória.)

O assunto volta a ser a exigência de diploma, defendida por Zezé, Oto e Admildo. Mas Zagalo e Telê não têm diploma, dentro da situação atual jamais o conseguirão. Zagalo, com seus cabelos quase brancos, é o treinador da Seleção Nacional. Telê é o técnico do Atlético, campeão mineiro, terceiro colocado no Robertão. Até quando os dois — como muitos outros que já deram prova de sua capacidade — permanecerão à margem da lei?

Quantas vêzes nós vemos técnicos brigando por jogadores? Mas quem briga pelos técnicos? A partir de hoje êles farão digna a profissão.

A profissão de técnico é mais velha que as escolas de técnico. Telê e Zagalo, por exemplo, não são formados. São técnicos, ninguém duvida. E falta pouca coisa para terem profissão regulamentada.

VAMOS AO PRESIDENTE

Zagalo e Telê, dois marginais, dois técnicos sem reconhecimento oficial. O técnico da Seleção é Admildo Chirol. O do Atlético, o filho do ex-goleiro Kafunga. Admildo e o filho de Kafunga são professôres de educação física.

Perguntam a Zagalo por que êle não intercede junto ao presidente Medici para a regulamentação da profissão. Zagalo está disposto a pedir uma audiência para expor êsse problema. Mas, antes, acho que é necessário um estudo definitivo do assunto, propondo soluções.

— O presidente e o ministro Jarbas Passarinho são homens interessados em resolver todos os problemas do futebol. Tenho certeza de que daríamos um passo importante para alcançar o que desejamos se levarmos uma boa minuta ao govêrno. (Zagalo.)

Fausto Neto

Material chroniony prawem autorskim

ZAGALO EXPLICA COM EXCLUSIVIDADE PARA PLACAR POR QUE FORAM FEITOS OS CORTES E CONVOCADOS NOVOS JOGADORES

This One
7D4K-GCO-T95C

AS MUDANÇAS DA SELEÇÃO

Por que Fontana saiu? Por que Claudiomiro entrou? Zagalo explica. Por que Roberto, amigo íntimo de Zagalo, não está mais na lista? Zagalo explica. Não há mistério nesta nova convocação.

ZAGALO JUSTIFICA A CONVOCAÇÃO. ÊLE SÓ SE PREOCUPOU COM O RENDIMENTO DE CADA JOGADOR

Quando terminou a reunião na CBD Zagalo sabia que estava mudando destinos, sacrificando uns em favor de outros. Era um risco calculado.

— Veja o caso de Roberto. Êle é meu amigo pessoal, é um grande jogador, mas teve muitos problemas e contusões. Seleção não é brincadeira. Se erro na convocação, amanhã estão me malhando. (Zagalo.)

Zagalo fêz questão de deixar claro que, na hora da escolha, preocupou-se apenas com o rendimento de cada jogador, esqueceu completamente a questão afetiva, aplicou o ditado "amigos, amigos, negócios à parte".

Mas o mesmo critério não foi usado por Zagalo para explicar o corte de Fontana. Todos sabem que o zagueiro foi cortado por demonstrar total descontrôle emocional no jôgo com a Romênia, na Copa, tumultuando com suas reclamações tôda a defesa brasileira. O corte para Zagalo tem outra explicação.

— Fontana está machucado.

O mesmo argumento êle usou para explicar a ausência de Joel, lembrando o acidente que afastou o jogador santista dos campos. Mas Joel era outro que não estava nos seus planos, riscado mesmo por Antônio do Passo devido a questões disciplinares.

— Jogador de Seleção tem que ter vida pessoal irretocável, principalmente fora de campo. (Antônio do Passo.)

Zagalo não usou as mesmas luvas de pelica para explicar a saída de Dario.

— Se Telê, um técnico competente e justo, não o escala, como vou chamá-lo para a Seleção?

Quanto a Edu, fala-se muito em declínio técnico, mas a incapacidade do ponteiro em se adaptar ao futebol moderno (de luta constante pela bola e espaço) justifica melhor seu corte.

— Na Seleção o ponta-esquerda tem que voltar para fazer o terceiro homem. Rivelino brilhou na Copa realizando tal função e Paulo César é perfeito em tal trabalho. Saíram alguns campeões do mundo, alguns jogadores novos foram convocados, até mesmo um veterano (Ademir da Guia) voltou à Seleção.

— Os novos foram convocados pelo que eu vi no Robertão. Se houve margem de êrro, foi muito pequena. Zequinha está em forma excepcional. A posição seria de Rogério, se êle não estivesse às voltas com contusões. Luís Carlos é um grande quarto-zagueiro, entra numa posição-problema. Dirceu Lopes e Zé Carlos são jogadores em nível de Seleção. Não foram ao México, mas terão nova oportunidade agora. Claudiomiro cabe como luva no lugar de Dario. Quanto a Ademir da Guia e Zanata, a própria torcida os convocou, consagrando-os.

Zagalo explica a razão de cada corte, de cada nova convocação, mas sabe que não poderá agradar a todos. Sabe que muitos não admitem as ausências de Renato, Lula, Denílson e Flávio.

— Há uma infinidade de bons jogadores e tive que pensar muito antes de escolher. Concordo que Renato está numa forma espetacular, mas meu critério na Copa foi usar a experiência de Félix. Por isso o chamei naquela ocasião. Para manter o mesmo critério, tive que chamar Ado e Leão, que já têm experiência de uma Copa do Mundo.

Os convocados servirão à Seleção apenas nos jogos do ano que vem. Em 1972 outros craques poderão ser convocados, até mesmo os que foram afastados agora da Seleção. Até mesmo alguns dos atuais convocados poderão ser cortados, desde que não tenham condições físicas.

Mas Zagalo confia muito no grupo que convocou: Félix, Leão, Ado, Carlos Alberto, Zé Maria, Brito, Baldocchi, Piazza, Luís Carlos, Everaldo, Marco Antônio, Clodoaldo, Gérson, Ademir da Guia, Zanata, Dirceu Lopes, Zé Carlos, Jairzinho, Zequinha, Claudiomiro, Tostão, Pelé, Rivelino, Paulo César e Vaguinho.

Êle espera não ter nenhum problema com êstes homens, alguns seus velhos conhecidos, como Pelé.

— No dia em que assumi a Seleção eu não sabia como ia fazer com Pelé. Êle era o maior jogador do mundo e tinha sido meu companheiro de time. Como ia ser? Entrei no Itanhangá e me encaminhei para Pelé. Êle falou primeiro: "Quero conversar com você".

Zagalo diz que a frase de Pelé, que êle pretendia que fôsse sua, lhe deixou meio embaraçado.

— Aí êle me deixou à vontade para trabalhar. Chegou a dizer: "Sou um jogador como outro qualquer. Você pode até me tirar do time". No final, tudo deu certo. Se me aparecessem 25 Pelés, isto é, 25 maiores jogadores do mundo, eu não hesitaria em trabalhar com êles. Tudo fica mais fácil.

Zagalo garante que, no ano que vem, terá a mesma boa vontade de Pelé. Ficará tranqüilo no banco, vendo suas jogadas, algumas das quais chegam a surpreendê-lo.

— Aquêle gol que êle tentou de longe, contra a Tchecoslováquia, eu ainda hei de vê-lo fazer. Aí, saio correndo, invado o campo e dou-lhe um abraço, como qualquer torcedor.

ZANATA, A ESCOLA CLÁSSIC

Para Zagalo, Zanata foi convocado la torcida, que o consagrou na Ta

DIRCEU, A MAQUININHA Quando foi dispensado da última Se ção, sabendo que ali perdia a cha de tornar-se tricampeão do mundo, Dirceu chorou. Agora volta p mostrar todo o grande futebol que tem e de que ninguém pode duvi

Material chroniony prawem autorskim

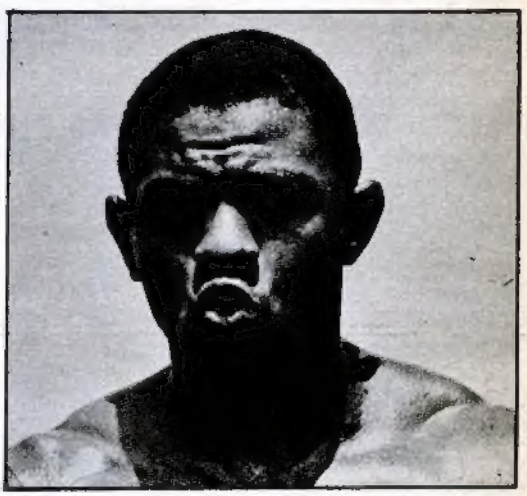
UINHO, A RAPIDEZ Sua garra foi lembrada para a ção que foi ao México. Agora êle terá tunidade para usá-la na ponta ou no meio.

A SURPRÊSA

Êle joga no Botafogo, onde Rogério e Jairzinho vestem a mesma camisa. Esta informação é o bastante para dizer porque Zagalo mandou chamar Zequinha.

ÊLE É O DIVINO A calma, a precisão nos passes, a falsa lentidão: são apenas algumas das qualidades que justificam Ademir.

A BRIGA NA ÁREA Sua briga é com Tostão, uma parada dura. Mas quando Zagalo precisar de um tanque, um brigador, Claudiomiro estará lá.



ZÉ CARLOS, CORINGA Essa é sua terceira oportunidade na Seleção, e ninguém duvida que seu futebol dá até mesmo para ser titular.

B CARLOS, É MUITA RAÇA Êle achou justa sua convocação e sabe que sua briga com Piazza posição não será fácil. Dois estilos diferentes, Luís Carsabe que poderá ter a sua vez se usar tôda a sua fôrça.

Flávio devia estar lá

Há treinador infalível? Não. Principalmente quando êle tem que escolher 25 jogadores num país em que existem mais de 20 000 jogadores profissionais. E, desde que uma bola começou a rolar na China, há milênios, reclama-se contra escalações e cortes. Vinhais, Pimenta, Flávio, Zezé, Aimoré, Feola, Saldanha; todos sofreram contestações violentas. Uma lista de convocações é um direito exclusivo do técnico, mas sem ofender os interêsses da CBD. Desta vez, Joel e Roberto, por problemas na vida particular, já haviam sido riscados pela própria entidade. Brito estava na marca do pênalti, mas Zagalo — com argumentação robusta — salvou-o. Paulo César chegou a ser chamado a atenção pelo próprio Antônio do Passo, mas justificou-se a tempo. "Em 54 todos os membros do Conselho Técnico da CBD fizeram suas listas. Em nenhuma delas estava o nome de Zizinho. E eu fiquei como o seu algoz. Guardo esta mágoa até hoje", diz Zezé Moreira. Mas a crítica, a discordância, são inevitáveis. Há nomes fora da lista de Zagalo que eu não vacilaria em chamar. Renato, goleiro do Atlético Mineiro; Assis, zagueiro esquerdo do Fluminense. Zagalo justificou a ausência de Renato com a pouca experiência. Mas nem falou em Assis. Para a torcida, a lista dos que faltam é maior: César, Aladim, Leivinha, Valdomiro, Samarone, Fio, Denílson, Lula, Zé Carlos (América), Pedrinho, Cafuringa. É claro, Zagalo não podia chamar todo mundo. Mesmo assim, lembro um nome, incompreensìvelmente fora dêsse ranking oficial: Flávio. Líder na Taça GB, no Campeonato, no Robertão, em 69, em 70. Se não fêz mais gols foi porque não jogou. Flávio, hoje, é o próprio gol. E a Seleção precisa de algo mais do que isso?

Teixeira Heizer

Material chronicity prawem autorskim

GOOOL!

Em qualquer língua do mundo o grito é sempre o mesmo. É o maior momento de uma partida de futebol. Representa a consagração de um jogador, de um time, de milhares de torcedores. É gol. Os braços se levantam. E festejam.

Não importa como ela tenha chegado ao fundo das rêdes. Nem se o estádio está cheio. Não importa nem mesmo se acontece num estádio, num campo de várzea, numa pelada, na praia. Pelo menos onze vozes gritam sempre a mesma coisa.

É uma explosão. Uma explosão mesmo, quando os gritos e os saltos vêm de uma camisa preta e vermelha num Maracanã lotado. Uma explosão de prazer, de riso, cada vez que Pelé repete o seu ritual: a bola lá dentro, o sôco no ar, o grito, os olhos arregalados, o riso igual ao dos que o aplaudem.

Uma explosão física, de poder, na famosa corrida de Ademir por trás do gol. No pique de Doval para as gerais em festa.

Mas às vêzes essa explosão esbarra numa personalidade contida ou em circunstâncias poderosas. É Rivelino sem voz por quase um minuto depois do gol contra os tchecos, estourando em lágrimas e num sonoro palavrão. É a agitação dos braços, as pernas grudadas no chão, os gestos possessos de Amarildo.

É gol. Gol, gol, gol. Quantas vêzes um jogador — caído ou encoberto — só toma conhecimento do gol pela explosão das milhares de vozes da torcida? (Foi assim que Mickey soube que marcara o gol que decidiu a Taça de Prata, e voltou-se para essa torcida com um gesto de paz e amor, lembrando Carlyle, que oferecia seus gols de braços abertos para as arquibancadas.)

Nunca, entretanto, uma explosão solitária. Estouram milhares de vozes. E, como César, os privilegiados — os homens-gol — correm para se juntar a elas.

Hedyl Valle Júnior

OS NOSSOS GOLS

Tostão de cabeça, contra o Uruguai, no Pacaembu. Mazurkiewicz batido. É gol.

Jair chora, de joelhos, ao sol. Tostão o abraça, chora também. É gol.

Gérson desempata contra a Itália. Os braços erguidos, o riso difícil, agora aberto. É gol.

Material chroniony prawem autorskim

GOOOOOL!

OS DECISIVOS

É gol.
Um, dois, três passos,
o sôco no ar,
o gesto universal,
o símbolo.
É gol.
Imobilidade,
nenhum grito, os
braços tensos de
Rivelino.
É gol.
A explosão não
é de ninguém.
É gol de todos.

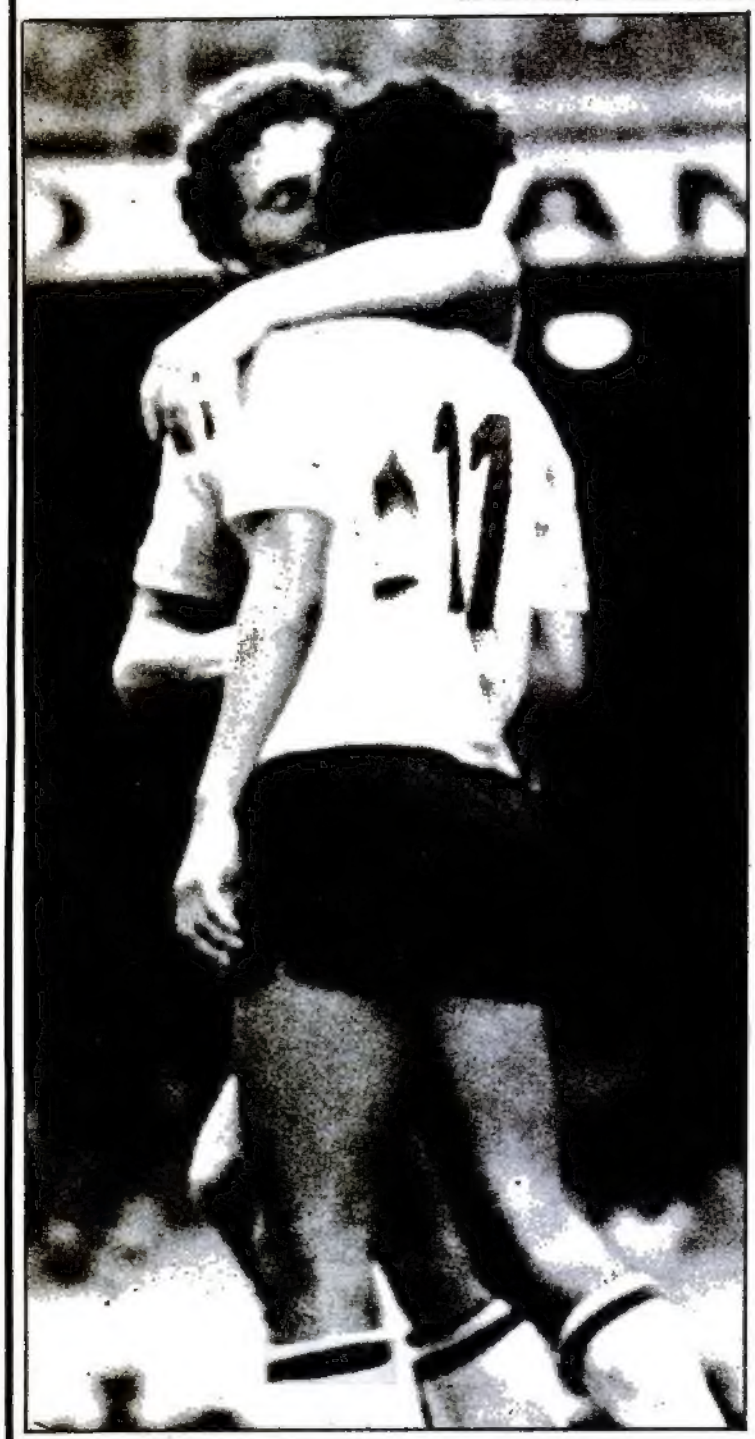
Material chroniony prawem autorskim

GOOOL!

CONTINUAÇÃO

A FESTA É DE TODOS

César estava fora do time, a torcida pedia sua volta. César voltou. Para fazer gols. Fêz gols. De quem eram? Seus? Não. César corre para a torcida, gritando apenas a palavra mágica. Os braços se estendem para alcançá-lo, há uma grade entre êles. Mas a grade não impede que passem os gritos de gol, gol do César, da torcida, de todo mundo.



BEIJO, SÔCO: GOL

Para nós parece estranho, mas em quase tôda a Europa Oriental o beijo entre homens é comum (talvez o gol não seja tão comum assim). E a festa do gol merece um beijo. Como merece o que fôr possível: o agitar de bandeiras, o estouro de fogos, as frias palmas de alguns países. Mas não existe no mundo uma bola no fundo de uma rêde sem o grito mágico de Dionísio: gol!

Material chroniony prawem autorskim

UM GESTO DE HUMILDADE

Para os 4 000 habitantes de Presidente Getúlio, quase todos seus amigos, êle agora é mais do que Beto, um garôto feio. Agora êle é Beto, seu ídolo.

O Fluminense acabava de fazer um gol no Atlético Mineiro, garantindo a conquista do Robertão. O autor dêsse gol virava-se para sua torcida, abria os dedos em "V" e, das arquibancadas do Maracanã, 200 000 braços se erguiam para repetir a alegria de Mickey. Estava consagrado o mais nôvo gesto de comemoração de gol.

Mas nenhuma daquelas 100 000 pessoas que gritavam de alegria sabia que aquêle grandalhão que acabava de ser consagrado como um deus é apenas o menino humilde da aldeia de Presidente Getúlio (SC). Tão humilde que logo depois da consagração dizia que o gesto não era seu:

— A idéia nasceu na concentração, lá em Santa Teresa. Eu, Samarone e Didi, que somos muito amigos, combinamos o gesto para comemorar o gol, contra o Paranaense, em Curitiba, antes das finais. Podia ser eu ou um dêles. Deu pra mim. Depois meti o gol no Palmeiras, repeti o gesto. Contra o Cruzeiro e o Atlético também. Quando olhei para as arquibancadas, quase chorei.

Mickey, ou o cidadão Alberto Kretzer, hoje com os impostos em dia, o nome nos jornais, dono de apartamento, tem pouca diferença daquele filho mais nôvo do velho Vendelino, interiorano classe-média da pacata Presidente Getúlio e veterano funcionário dos Correios e Telégrafos.

Lá êle não é Mickey nem Alberto Kretzer. É apenas Beto, amigo dos seus 4 000 habitantes.

— Minha cidade é pequena, tem poucos habitantes, mas lá só existe gente boa. A maioria me viu nascer e crescer. A essa altura êles já sabem de tudo, garanto que escutaram o jôgo.

O passatempo de Mickey, como o de todos os meninos de sua terra, era jogar bola, mas seu tamanho (hoje êle tem peito largo, 1,72 m de altura, 72 quilos, chuteiras 42, e 22 anos de idade) já naquele tempo era um problema: na maioria das vêzes ia para o gol, porque na linha era covardia.

— Acabou o ginásio, fui estudar em Joinvile, como quase todos os jovens da cidade.

Mickey sabe que naqueles jogos decisivos, onde nasceu o gesto que o tornou famoso, êle era apenas o substituto de Flávio. E não se importa. Mais do que o gesto, importa a outra vitória. A sua.

— Meu velho arranjou emprêgo pra mim na Prefeitura, mas eu trabalhava com um ôlho na repartição e outro na bola. Depois trabalhei num banco, naquela base de entrar com o sol nascendo e sair com o céu se pondo.

Mas de chuteira mesmo Mickey só havia jogado uma vez, no Cruzeiro, de Presidente Getúlio. E de tanto persistir acabou assinando seu primeiro contrato com o Caxias de Joinvile, a Cr$ 700,00 por mês, "o que dava de sobra, tanto que até me casei". Casou-se com Alaídes, um namôro de infância. Têm um filho, Adalberto.

— Mas não estou entendendo mais nada. Não sei mais nem andar, sinto-me desequilibrado, é como se eu estivesse nas nuvens. Às vêzes não resisto e me belisco, para ver se tudo isso não passa de uma grande mentira.

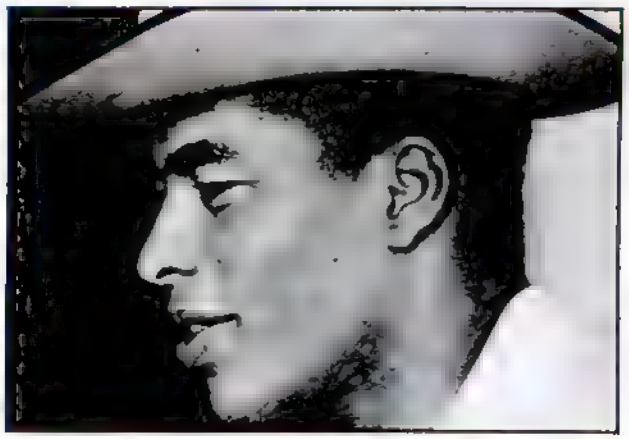
Se Mickey ouvisse os gritos de Flávio durante o jôgo, êle talvez acreditasse em sua nova vida:

— Dá-lhe Mickey, você é demais.

Material chromony prawem autorskim

de primeira

O ex-diretor de futebol do Corintians, Salim Atala, telefonou quinta-feira para a casa de Dondinho, pai de Pelé, dizendo que desejava oferecer um título de sócio ao Pelèzinho. Pelé prometeu dar uma resposta quando acabar as férias.



MILHÕES DO CORINTIANS: MARINHO E JAIR

Sexta-feira, à noite, alguns diretores do Corintians foram surpreendidos com uma notícia que estão considerando das mais agradáveis. Um emissário do presidente Wadi Helu entregou-lhes, como presente de Natal, um aviso dizendo que já arrecadou quase Cr$ 2 milhões com o livro de ouro. O dinheiro servirá para comprar os passes de Marinho, da Portuguêsa, e Jairzinho, do Botafogo. Com Marinho as coisas já foram acertadas na mesma base do Zé Maria. Quanto a Jair, tudo está acertado com o Bota.

FIM DAS DESCULPAS

Um torcedor ganhou sòzinho o **Bolão** e resolveu investir tudo naquilo que pode lhe proporcionar as maiores alegrias: o time do Flamengo. Dos seus Cr$ 12 milhões, resolveu que metade ia para o Mengo. Com um cheque de 6 milhões acabou com tôdas as dívidas existentes para com diretores, INPS, jogadores, etc. E fêz a paz no Mengão. O torcedor — que deixou claro não querer ter essa história revelada — agora voltou a se misturar à massa para torcer como todo mundo.

Wolney Braune, que já presidiu o América, voltará no ano que vem, prometendo muito dinheiro e um time para o título

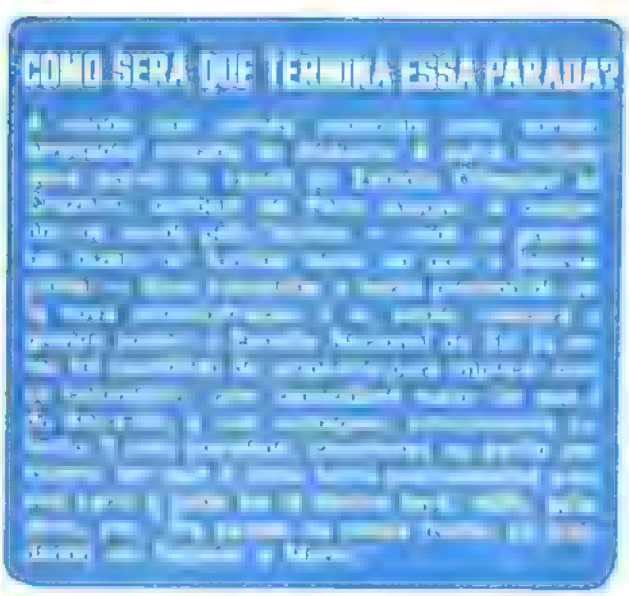
BOA, SÃO PAULO, BOA

Na última reunião de diretoria do São Paulo o diretor de futebol, Manoel Poço, deu uma idéia que agora acaba de ser aceita por unanimidade. Manoel Poço propôs que todos os jogadores tivessem suas luvas e ordenados reajustados a partir de janeiro. As luvas deverão ser reajustadas na base de 80%, com o teto máximo de Cr$ 120,000,00 por ano e mínimo de Cr$ 90 000,00. O salário será um só: Cr$ 2 500,00. Poço queria guardar segrêdo até dia 5, mas nós não pudemos fazer o mesmo.

DUAS BOAS DO FLU

Depois que Denílson foi incluído na relação dos 25 convocados para a Seleção permanente, outra boa nova está chegando ao Flu: os 1 000 gols de Flávio.

COMO SERÁ QUE TERMINA ESSA PARADA?



CBD JÁ É DE XISTO

Com Havelange indo para a presidência da FIFA, o esquema da CBD já está montado. Havelange lançará o nome de Zeferino Xisto Toniato, atual diretor de futebol do Botafogo.

O CRUZEIRO MUDOU

A inauguração da superconcentração do Cruzeiro não foi apenas um acontecimento social. As alterações por que passa o departamento de futebol tendem a transformar o time, finalmente, no melhor do país. A Universidade do Futebol (provàvelmente dirigida por Aimoré Moreira); financiamento da formação estudantil dos jogadores; nomeação de um encarregado de amistosos (o Cruzeiro será seu próprio empresário e não jogará por menos de 40 mil dólares); cláusulas contratuais a favor do atleta. É a revolução.

MEIO ENTENDEDO

AQUI ESTÃO SUA

DUAS PALAVRINHA

Você sabe como é. homens se reúnem no bar, dão aquela que estão apenas ass tindo ao treino da tur da patinação, cervejir na mão. Na verda falam de coisas outr também sôbre o Palm ras. Esta semana, d homens de terno, c sotaque levemente liano, falavam mui Duas palavras transpi ram, foi o bastan "Presidente" e "Jo Gimenez Lopez".

BOTAFOGO PROVO

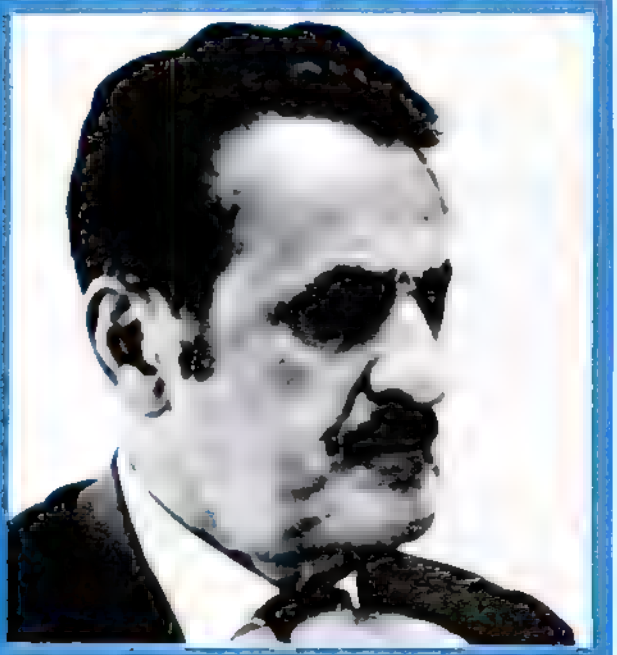
PÂNICO POR ZANA

Domingo passado foi dia de muita agitação São José do Rio Pardo, ra natal de Zanata. No do Juca só se comento motivo que levou um mão de Xisto Toniato, retor do Botafogo, àqu cidade. Dizem, agora, e emissário acertou t para levar Zanata.

A BRIGA ACABOU

Depois de muitas r niões, em que se env veram dirigentes, jo dores e torcedores, a vela mais longa da tória do Internacional Pôrto Alegre teve f posando juntos para tografias, numa fe quase de armistí Daltro Meneses e Bi lho fizeram as pazes. aí, tudo bem. A torc crente que ia ver um seus maiores ídolos volta e coisa e tal. guntaram a Daltro se era titular: "sim".

TUDO CERTO O SANTOS VENDEU O PARQUE



Sonho 1 - Melhor iluminação.
Sonho 2 - Máximo de quatro jogos a cada dez dias.
Sonho 3 - Trânsito melhor na saída.
Sonho 4 - Hino dos clubes no final. Sonhos do Maraca.

O dia de sorte de Filpo Nuñes está chegando. Sua volta ao Palmeiras é coisa pràticamente decidida. Filpo voltará como supervisor, levado pelas mãos do ex-diretor José Gimenez Lopez.

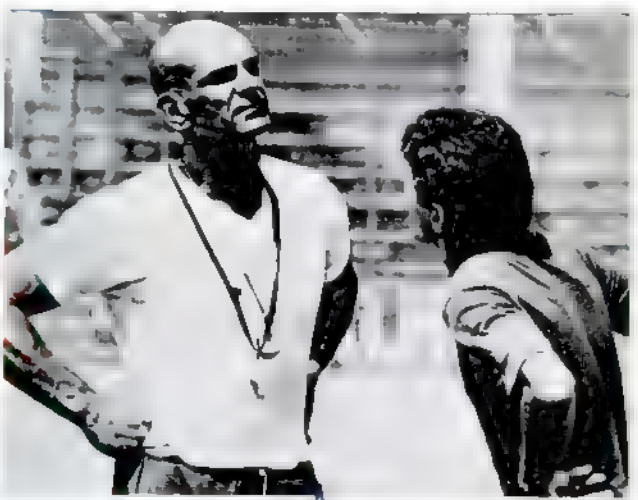
João Silva conseguiu o que parecia impossível. Reuniu todas as alas do Vasco que partirá para ser uma fôrça só, unida. Os "bigs" vão dar muita grana, o futebol terá autonomia e Pelé será contratado a qualquer prêço.

TUDO POR UMA LUSA GRANDE

Afonsinho já acertou sua situação com o Botafogo. Depois de um longo papo, conseguiu provar que suas barbas longas não fazem mal a ninguém. O nôvo contrato será assinado depois das férias, êle entrará no time quando quiser e tem, até, um convite para trabalhar como médico do clube quando parar de jogar. Com barba.

TODO MUNDO QUER CILINHO. ÊLE ESTUDA

Cilinho, técnico da Ponte Preta, andou muito ocupado na última semana. Tanto que nem mesmo atendia aos amigos que o procuravam. Para um explicou que estava analisando os inúmeros convites que tem recebido para treinar grandes clubes do Rio, Minas, São Paulo e até do exterior. Dizem, até, que Cilinho chegou a contratar um assistente.



TOSTÃO NA LINHA DO GALO. PALAVRA DO PRESIDENTE

"Em fevereiro, depois que tôdas as nossas dívidas estiverem pagas e ninguém mais puder falar que nós estamos devendo e não pagamos, vamos gastar até Cr$ 3 milhões, ou mais, se fôr preciso, para tirar Tostão do Cruzeiro. Temos uma informação quente, de gente que sabe o que está falando, de que Tostão está querendo mudar de ares. Falta pouco tempo, fevereiro está chegando." Palavras do presidente do Atlético Mineiro aos torcedores.

SOLICH VAI FICAR

Fleitas Solich recusou convite do Flamengo para ser supervisor. O Feiticeiro disse que nunca mais deixará o Bahia, onde renovou contrato por dois anos por Cr$ 14 000,00 mensais e mais prêmios.

PARECE QUE DESTA VEZ O PARANÁ JÁ ARRUMOU SUA CASA

Pela primeira vez em muitos anos o futebol paranaense ultrapassa o período de férias sem ser obrigado a vender as revelações do ano anterior (sòmente o goleiro Vanderlei, vendido ao São Paulo, mas isso foi em pleno Robertão). E mais ainda: Joel Mendes voltou do Santos. E Zé Roberto depois de emocionante campanha levantou os Cr$ ..... 40 000,00.

Se deixar o Fluminense, Paulo Amaral já tem para onde ir. Foi sondado para participar do esquema que será montado no Mengo, didivindo o trabalho com Iustrich

Tudo isso é mentira. Tôdas as notas desta página são rigorosamente falsas. São apenas os desejos — escondidos ou não — de muitos cartolas, dirigentes, jogadores, para 1971. Muita coisa aí pode acontecer, mas ninguém garante. Essas historinhas tôdas são vontades que muita gente pretende realizar neste nôvo ano. Conseguirão?

Mauro, capitão do bi, está abafando como técnico no Paraná

SEM PRESSA, SEREI O MELHOR

Tímido, discreto, introvertido, metódico no falar e no agir, está nascendo um novo técnico no Brasil. Mauro Ramos de Oliveira, quarenta anos, capitão do bi em 62, zagueiro eficiente do São Paulo e do Santos, fica agora sentado tranqüilamente no banco, observando muito, falando pouco, tentando fazer do Coritiba um dos bons times do país.

Sem o tri e fora do Robertão, o Coritiba foi fazer uma excursão de dez jogos na França, Iugoslávia, Romênia, Portugal e Argélia. Enfrentou frio, calor, jogou até em campo sem grama, mas alcançou um saldo altamente positivo: quatro vitórias, quatro empates e duas derrotas (para o Rapid, de Bucarest, e o Sporting, de Lisboa). Mas importante mesmo para o Coritiba foram dois resultados: o retôrno de Krüger, dado em abril como inutilizado para o futebol, e a aprovação total de Mauro como técnico de campo.

Placar — Time brasileiro tira vantagem técnica das excursões?

"Aprendi com muita gente nos meus vinte anos de futebol. Mas mestre mesmo foi o Bela Gutman. Hoje tenho um modêlo: é Zagalo."

"Não sou exagerado como Sir Ramsey, mas a Iugoslávia vai ser dura em 74."

"Antigamente jogar no exterior era fácil. Mas hoje não. Acabou a moleza."

"Quem quiser ganhar jôgo tem que atacar com 10 e defender com 11. Senão, entra."

"Não me entenderam quando falei de Pelé defendendo. Já pensou nêle saindo de trás?"

zem que você se revelou um excelente estrategista, virando jogos nos intervalos, substituindo bem.

Mauro — Não foi bem assim. Eu tenho minha concepção de futebol: quando perdemos a bola, todos têm que lutar pela sua posse. Isto resulta num 4-4-2 na defesa e num 2-4-4 no ataque. Agora, para dar certo é preciso que os jogadores levem a sério. Foi o caso.

Placar — Qual foi o melhor técnico que você encontrou em sua carreira?

Mauro — Muita gente me ensinou coisas em futebol. Mas o mais importante foi Bela Gutman.

Placar — E hoje, quem é o melhor técnico brasileiro?

Mauro — O homem que deu vários campeonatos ao Botafogo, que revelou grandes jogadores, que levou o Brasil ao tri. Zagalo é o nome dêle.

Placar — Certa vez você disse que o Pelé no seu fim de carreira deveria jogar na defesa. Continua na mesma?

Mauro — Eu falei isso num programa de televisão, mas nem todos me interpretaram corretamente. O Pelé sempre foi visado nas Copas. Em 58 foi machucado. Em 62 se machucou sòzinho. Em 66 pràticamente não jogou. Por isso, antes do México, achava que desse certo o deslocamento de Pelé para a defesa. Êle, que sempre foi marcado, passaria a marcar. E nos contra-ataques seria o perigo de sempre. Mas não foi preciso. Deixaram o Negão sôlto e foi o que se viu.

Placar — Para você, o Coritiba é um trampolim para chegar a algum clube dos grandes centros?

Mauro — Olha, estou muito satisfeito aqui. Não tenho pressa. Mas, quando chegar lá, chego bem.

Carlos Maranhão

Placar — E muitas?

Mauro — E muitas. Não há mais adversários fáceis no exterior. O Santos já perdeu na África, o que seria pràticamente impossível de imaginar até 62. Qualquer time brasileiro vira adversário para ser vencido com honra.

Placar — Quer dizer que antes havia moleza?

Mauro — Ah, havia sim. No meu tempo de jogador pegávamos muito time ingênuo na Europa. Êles evoluíram muito.

Placar — Dos países que você visitou, qual o de melhor futebol?

Mauro — A Iugoslávia. Êles estão muito bem, são uma das principais fôrças do futebol europeu e vão fazer um importante papel na Copa de 74.

Placar — E os portuguêses?

Mauro — O futebol português não regrediu depois do Mundial de 66, embora esteja sentindo profundamente a ausência de Coluna. Sem Coluna, o Benfica — que é um retrato do futebol português — caiu de produção. Hoje quem manda em Portugal é o Sporting.

Placar — Virando o assunto, di-

Há meses Krüger saía do campo para o hospital, quase à morte. Mas voltou a jogar, a fazer gols.

ÊSTE KRÜGER É MESMO FOGO. ÊLE FOI CAPAZ DE DRIBLAR A MORTE.

Dia 12 de abril, à tarde: a bola é lançada na área do Água Verde. O goleiro Leopoldo sai para disputá-la com Krüger, que cabeceia para o gol. Todo o estádio grita, Krüger se contorce no chão.

Leopoldo atingiu Krüger com uma joelhada na barriga. O massagista corre, o jogador grita de dor, sai do campo para o hospital. Diagnóstico: rompimento dos intestinos.

Logo depois o atacante está na mesa de operações. Que dizem os médicos?

"O estado de saúde do Sr. Dirceu Krüger é muito grave." A informação, em seu laconismo, escondia um fato do torcedor: Krüger estava ameaçado de não jogar mais.

Dia 25 de novembro: os romenos não entendem nada. Por que aquêle rapaz pula como um louco? E por que todos do seu time — técnico, dirigentes, jogadores, — correm para abraçá-lo? Por que um simples gol de empate — amistoso do Coritiba contra o Pitesti — arranca lágrimas de alguns?

É gol, é gol, é gol, é gol de KRÜGER, berram todos.

Numa casa modesta do bairro de Barreirinha, em Curitiba, uma mulher também chora e ri.

— Foi Dirceu, foi meu filho que marcou o gol.

Na *Bôca Maldita*, uma esquina onde se reúnem os fofoqueiros de Curitiba, quase todos torcedores do Atlético, os foguetes começam a explodir. Tudo é paz e amor. Krüger voltou a jogar. Êle venceu mais uma contusão grave.

— Êle é muito mais do que um craque. É um homem. Seu contrato termina no fim do mês, mas mesmo sem saber se êle volta a jogar, vou renová-lo. (João de Aquino, diretor do Coritiba, no dia da contusão.)

Apesar das previsões pouco otimistas, Krüger se recuperava. Recobrou a consciência, voltou a comer, voltou para casa. Um dia entrou no seu carro e foi até o campo do Coritiba. Trocou de roupa e entrou no campo.

Alguém lhe rolou uma bola. Krüger chutou forte para o gol.

— Eu vou voltar. Juro. (Krüger.)

Na hora de escolher os jogadores que iriam à Europa, o técnico Mauro Ramos de Oliveira não pensou duas vêzes: incluiu Krüger na delegação. Êle estava há muito tempo sem jogar (desde o acidente com Leopoldo), mas precisava de uma oportunidade. Merecia mesmo.

Krüger soube aproveitá-la.

Na volta da Europa, torcedores do Coritiba foram às ruas para aplaudir seus jogadores. Mas de todos Krüger foi o mais felicitado. O torcedor tinha certeza: Krüger renascera. Milagre?

— Não. Persistência, luta e amor. Eu sempre acreditei muito em mim mesmo. (Krüger.)

Carlos Maranhão

Você acredita que um homem de 1,72 m de altura, com gôta no joelho direito, com os ligamentos dêste joelho frouxos, com pedras nos rins, com os músculos atrofiados, com sua renda mensal reduzida, possa ser considerado um vencedor? Cláudio teve todos êsses problemas. No começo de 1970, era dado como inutilizado para o futebol. E êle venceu a todos. Nas mesas de operação, em casa, os exercícios ortopédicos, na Vila Belmiro, treinando como numa Copa do Mundo assim que teve alta. Esta é a história de Cláudio. Há seis meses um homem acabado para a sua profissão. Hoje, de nôvo um atleta. E que, mantendo a luta com o mesmo ardor, voltará a ser o goleiro do Santos e da Seleção.

Existe um homem no Santos que vai voltar aos estádios. E, no dia em que êle pisar a grama de um campo qualquer, com seu uniforme todo prêto, o número 1 às costas, bata palmas. Bata palmas com fôrça, bastante fôrça, porque ali estará um môço que venceu o destino. Um homem com cheiro de terra depois que a chuva passou.

A luta que Cláudio está vencendo não foi contra alguém, foi contra êle mesmo. Contra seu joelho direito, que há dezoito meses está machucado e lhe causou as maiores decepções de sua carreira. O homem Cláudio revela-se quando se sabe que de todos êsses problemas êle tirou fôrças e motivações para voltar a jogar futebol.

Aos trinta anos é difícil um jogador lutar contra uma contusão no menisco, recusar ofertas tentadoras, encontrar fôrças para dizer que vai voltar, que não adianta o destino trabalhar contra êle porque voltará a ser o titular do gol do Santos.

Assim é Cláudio, um homem casado, com dois filhos, preocupado muito mais com o futuro dêsses meninos do que pròpriamente com o seu. Olhando para êles, Cláudio vê que nem ao menos percebem que o pai luta contra algo muito difícil de vencer: um joelho.

— A articulação do joelho é a mais complicada do corpo humano, sabe? Estudei tudo a respeito. Comprei um livro de medicina e tôda vez que ia me submeter a um tratamento ou uma nova complicação aparecia, ia para o livro estudar, ver o que eu poderia fazer para colaborar com o tratamento. Acabei conhecendo o joelho tão bem que discuto com o doutor Ítalo Consentino, no Santos.

Placar — Você chegou a pensar que nunca mais voltaria a jogar futebol?

Cláudio — Não, nunca cheguei a estar certo disso. Afinal, o doutor Ítalo sempre disse que eu voltaria.

Placar — Mas você chegou a duvidar disso?

Cláudio — Bem, em momentos de depressão íntima cheguei a ficar bastante preocupado. Olha, o futebol é minha profissão. Se eu conseguir ficar bom, tenho a garantia de ganhar em mais uns seis anos de bola aquilo que não ganharia em vinte numa profissão qualquer.

Placar — Afinal, por que uma simples operação de meniscos levou tanto tempo para ser curada?

Cláudio — Porque não foi uma simples operação de meniscos. Acontece que a operação foi bem, mas depois o joelho não desinchava. Então retiraram líquido do joelho e mandaram analisar para determinar a causa do inchaço. A resposta veio como sendo uma inflamação. Durante algum tempo fui tratado contra isso. Mas a análise estava errada, o que eu tinha era uma gôta. Ácido úrico no joelho. Quando perceberam isso, já se tinham formado cristais no joelho e a recuperação ficou mais difícil. E ainda houve o problema dos meus ligamentos cruzados, que estavam frouxos, em conseqüência de uma operação bem antiga do outro menisco. Aí a recuperação da musculatura ficou mais difícil.

Durante os últimos doze mêses, quem chegasse ao Santos, à hora que fôsse, encontraria Cláudio com um pêso de 12 quilos amarrado ao pé direito. A perna subindo e descendo, e suor pingando de seu rosto, as sobrancelhas franzidas, determinado. Os músculos crescendo, a atrofia desaparecendo. Mas agora, além da perna direita, a operada, Cláudio tem que trabalhar também a esquerda, para que esta não fique com a musculatura parada.

Cláudio — O médico disse que a perna direita tem que ficar tão grossa quanto a esquerda. Mas parece uma corrida contra a própria sombra, porque, quanto mais cresce a direita, a esquerda cresce em dôbro.

Placar — É verdade que você recusou uma proposta do Santos para renovar seu contrato?

Cláudio — Bem, eu achei um gesto bacana da diretoria do Santos. Mas acontece que não seria interessante para mim renovar um contrato estando machucado. Êles estariam me fazendo um favor e eu não poderia exigir o que acho valer. Assim, como meu contrato só termina em janeiro, pedi para que esperassem mais um pouco, para renovar o contrato comigo jogando. Mas foi bacana da parte dêles.

Placar — É verdade que você já ia acompanhar a delegação do Santos nessa viagem a Hong Kong?

Cláudio — Como é que vocês souberam disso? Mas eu não ia como jogador, o convite foi para que eu acompanhasse a delegação como administrador. Não aceitei. Mostrei que estaria tirando o lugar de um jogador nôvo, que poderia ser útil ao time. Era melhor levar um jogador do que um pêso morto, já que ainda não estou em condições de jogar.

Onde Cláudio encontra moral bastante para recusar um contrato, estando na incerteza de voltar ou não a jogar futebol? Para recusar uma viagem, onde poderia ganhar 1 300 dólares (Cr$ 6 500,00) em vinte dias?

Placar — Essa contusão lhe causou muitas decepções? Por exemplo, a contratação de Cejas; a dispensa da Seleção; a conquista da Copa do Mundo sem você estar lá?

Cláudio — Bem, olha, isso são coisas que não faziam parte da reta que tracei para a minha

CLÁUDIO VOLTOU: "OS 600 MILHÕES VÃO PARA A CERCA"

A parada não vai ser fácil. Nomes como Agustín Mario Cejas e Joel Mendes serão os grandes obstáculos. Mas, assim como recuperou inteiramente sua condição física, Cláudio acredita que voltará a ter a mesma segurança, a mesma agilidade, os mesmos reflexos de antes. Para êle é apenas mais um round.

recuperação. Quando me machuquei fiz um plano para voltar a jogar. Tudo que poderia interferir nesse plano era afastado, eu chutava para o lado. Só permitia a interferência do que poderia vir por trás e me dar um empurrão, para uma recuperação mais rápida.

Placar — Mas você não sentiu nada vendo essas coisas acontecerem?

Cláudio — Não vou dizer isso. A dispensa da Seleção foi uma decepção muito forte. O que tinham prometido — levar-me como treinador de goleiros —, era uma honra, nunca haviam feito isso para qualquer jogador. A dispensa me chocou. Quando o Brasil foi campeão do mundo, ao mesmo tempo que sentia uma alegria enorme, do fundo de mim vinha um sentimento de frustração. Algo que eu sentia não haver realizado. Não pela glória que a conquista de uma Copa traz, mas para o que ela representa hieràrquicamente na carreira de um jogador. O que ela representa financeiramente para todos. Agora, quanto à contratação não só de Cejas como também a de Joel, se viessem perguntar para mim, eu mandaria contratar um ponta-esquerda, um centroavante ou qualquer outro jogador, menos goleiro. Não vou mentir aqui, dizendo que é bom para o jogador ter um outro competindo com êle em sua posição. Esse negócio de "sombra" só funciona para o profissional que não tem responsabilidade e que não tem noção de que deve se manter em grande forma. De qualquer maneira, amigo, quando eu voltar, talvez os Cr$ 600 000,00 tenham que sentar no banco.

Onde Cláudio encontra moral para dizer que o ex-goleiro da Seleção da Argentina terá que ficar no banco quando êle voltar, com um joelho ainda não totalmente recuperado?

Placar — Você vai estar jogando em janeiro?

Cláudio — Acho que sim. Só falta os músculos da coxa estarem mais fortes para pouparem os ligamentos. Estou fazendo exercício na praia, onde o terreno fôfo exige mais da musculatura. Acho que vou viajar junto com o time em janeiro. Assim é Cláudio. Um homem que no meio de sua desgraça ainda encontrou moral para ajudar a Faculdade de Medicina de Santos a ser campeã de futebol da InterMed. Foi o técnico e, agora, é um ídolo dos alunos.

Placar — O que você conseguiu é sensacional.

Cláudio — Sinceramente, não sei por quê. O certo não deve ser elogiado, porque todos sabem o que é o certo. Apenas os que fazem o errado devem ser orientados. Eu tinha que me recuperar. O futuro de minha família estava em jôgo.

Por isso, amigos, quando vocês virem Cláudio dentro de um campo, batam palmas. Vocês verão que aqui está um homem que, sem pedir favores, venceu o destino. E se venceu foi porque teve muita fé em si mesmo.

Michel Laurence

13.º Salvatore Amato (Brasil) — Protótipo Amato — Ford — 5 voltas.
14.º Sérgio Louzada (Brasil) — Puma — 5 voltas.
15.º Norman Casari (Brasil) — Lola T-70 — 4 voltas.
16.º Camilo Cristófaro (Brasil) — Carretera Corvette — 3 voltas.
17.º Sílvio Montenegro (Brasil) — Volks 1 700 — 4 voltas.

Classificação final da Copa

1.º Emerson Fittipaldi 30 pontos
2.º Jorge de Bagration 26
3.º Alex Soler-Roig 21
4.º Wilson Fittipaldi Jr. 15
5.º Gian Piero Moretti 14
6.º Jaime Silva 8
7.º Jorge del Rio 7
8.º Ernesto Neves 6
9.º Antônio da Matta 6
10.º José Moraes 4

I Temporada Internacional de Fórmula 3

Local: Autódromo de Interlagos, São Paulo, dias 10, 17 e 25 de janeiro.

Já se encontram em São Paulo, nas oficinas da Bino-Sandaco, os carros Fórmula 3 que participaram da I Temporada Internacional promovida por Avalonne Empreendimentos e organizada pelo Automóvel Clube do Estado de São Paulo. Eis os pilotos que participaram dessa temporada: José Carlos Pace (Brasil), Lotus-59 da equipe GP Rancing — Wilson Fittipaldi Jr. (Brasil), Lotus-59 da equipe Bardhal-Varga — Fritz Jordan (Brasil), Lotus-59 da equipe GP Rancing — David Walker (Austrália), Lotus-59 do Gold-Leaf Team Lotus — Jurg Dubler (Suíça), Chevron B-17 da equipe Jurg Dubler Rancing Organization — José Maria Ferreira (Brasil), Brabham BT-28 da equipe Rewland Rancing Engines — Torsten Palm (Suécia), Brabham BT-28 da equipe Forcit TP Rancing — Peter Hanson (Inglaterra), Chevron B-17 da equipe PC Hanson — Alan Jones (Austrália), Brabham BT-28 da equipe Alan Jones — Luís Pereira Bueno (Brasil), Chevron B-15 da equipe Bino-Sandaco — Sten Gunnarson (Suécia), Brabham BT-28 da equipe Forcit TP Rancing — David Purley (Inglaterra), Brabham BT-28 da equipe Lec Refrigeration Rancing — Bartie Markell (Inglaterra), Chevron B-17 da equipe New England Rancing Organization — Mike Keens (Inglaterra), Tecno da equipe W. Keens Ltda. — François Mingaut (França), Tecno-70 da equipe Escurie Chalets Chapal — Giovanni Salvatti (Itália), Tecno-70 da equipe Giacomo Torazzi — Claudio Francisci (Itália), Tecno-70 da equipe Tecno Rancing Team — Giancarlo Gladiardi (Itália), Brabham BT-28 da Jolly Clube — Ronaldo Rossi (Brasil), Brabham BT-28 da equipe Rewland Rancing Engines.

BOXE

João Henrique (brasileiro) x Mario Molina (chileno)

22/dezembro

Local: Ginásio do Ibirapuera (SP).

De um lado João Henrique, 35 lutas, uma derrota, um empate, 23 vitórias por nocaute, dez por pontos. Do outro Mario Molina, cinqüenta lutas, cinco derrotas, sendo duas por nocaute, 23 vitórias por pontos, 22 por nocaute, lutador mais experiente, mas menos técnico que João. Resultado: vitória de João Henrique por nocaute no terceiro assalto. João Henrique agora tentará o título mundial contra Bruno Arcari dia 30 na Itália (ver matéria nas páginas 32 e 33).

Luís Faustino Pires (brasileiro) x Guilhermo de la Cruz (peruano)

23/dezembro

Local: Ginásio do Estádio Nacional de Lima, Peru.

Luís Faustino Pires, em luta programada para dez assaltos, venceu a Guilhermo de la Cruz por nocaute no último assalto. A vitória de Faustino foi atribuída pela imprensa peruana à sua maior experiência: o brasileiro soube guardar suas energias para os últimos assaltos da luta, enquanto o peruano se desgastou muito nos primeiros assaltos.

Miguel de Oliveira (brasileiro) x Walter Valentine Kelly (canadense)

Dia 8 de janeiro, no Ginásio do Ibirapuera (SP), os dois voltam a lutar. Para isso já estão treinando diàriamente na academia Bel-Boxe. Na última luta, Miguel de Oliveira venceu por pontos.

João dos Santos (brasileiro) x Bruno Arcari (italiano)

26/dezembro

Local: Roma.

Bruno Arcari, campeão mundial dos meio-médios, versão Conselho Mundial de Boxe, derrotou por pontos, em luta de dez assaltos, o brasileiro João dos Santos, que atualmente reside na Itália. Essa foi a segunda derrota do brasileiro para Bruno Arcari. A primeira foi em Marselha. João dos Santos se prepara agora para enfrentar Baldassarini Picone (francês) no dia 11 de janeiro no Ginásio de Esportes de Paris.

SELEÇÃO DE NOVOS

"Vocês são os melhores jogadores que encontramos. Podem ficar descansados, não dispensaremos ninguém. Vocês não precisam de testes, já estão aprovados. Só pedimos a colaboração de todos, como aconteceu nas outras seleções amadoras. Boa sorte." Com essas palavras, Pedro Fischetti (diretor da Federação Paulista) e José de Souza Teixeira (técnico da Seleção de Amadores que excursionará por Surinã, Jamaica, Panamá, Trinidad, Honduras, Haiti, Colômbia e México) receberam os dezoito convocados que formarão a Seleção Pau'ista de Novos (menos Flamarion, do Guarani, que foi obrigado a ficar em Campinas para resolver problemas com o serviço militar) dia 22 na sede da Federação Paulista de Futebol. Esta é a delegação que embarcará no dia 10 de janeiro: Amauri Couto Magalhães, chefe da delegação — João Atalla, supervisor —, José Teixeira, técnico — Roberto Sanches, massagista. O médico ainda não foi escolhido. E os jogadores: Coleta (São Paulo); Leonetti, Marco Antônio, Ferreira, Vágner, Adão, Peri, Ademir e Joaquim Rocha (Corintians); Dárcio e Isidoro (Portuguêsa); Jair e Wilson (Pa'meiras); Flamarion e Cleiton (Guarani de Campinas); Fito (Santos) e Vicente (Ponte Preta de Campinas).

A CORRIDA PARA A GLÓRIA

Nós fazemos a festa na noite de 31 de dezembro: a corrida de São Silvestre, talvez poucos saibam, mas, dentro de sua categoria (prova corrida na rua), é a mais importante do mundo, pois dela já participaram os maiores fundistas mundiais.

Nós fazemos a festa, pena que não a ganhamos há muitos anos. Precisamente desde 1946, quando pela primeira vez os responsáveis pela "A Gazeta Esportiva" — jornal que patrocina a prova — convidaram estrangeiros para corrê-la.

Será que uma corrida, justamente na noite de 31 de dezembro, quando todos querem estar com suas famílias festejando a passagem do ano, pode ter grandes fundistas?

A corrida de São Silvestre conseguiu êste milagre. Nos últimos vinte anos os maiores fundistas do mundo sempre estiveram correndo por algumas ruas e avenidas centrais de São Paulo na passagem do ano.

Zatopek, a locomotiva tchecoslovaca, correu e ganhou a São Silvestre. Osvaldo Suárez, argentino, o maior fundista que apareceu na América do Sul, ganhou a prova três anos seguidos, façanha jamais conseguida por qualquer outro corredor. O belga Gaston Roelands, outro ótimo fundista, também inscreveu seu nome na história dos ganhadores.

Através dos tempos a São Silvestre sofreu muitas modificações, sempre para melhor. Já foi uma corrida aberta, em que qualquer um se aventurava. Hoje nenhum brasileiro participa da São Silvestre sem passar por eliminatórias.

(Já no tempo dos estrangeiros qualquer brasileiro corria. Então a prova começava com setecentos e mais disputantes e, atrás, seguia um caminhão, que ia recolhendo os que desmaiavam. E não eram poucos.)

Belino Constantino da Silva, 35 anos, cearense, será o representante do Brasil (êle ganhou a eliminatória nacional) na São Silvestre.

Quem é Belino? Um atleta? Não, apenas um cara que gosta de correr. Aos vinte anos era servente de obras, aos 25 carroceiro no Recife, e aos trinta carregador no mercado de São Paulo.

Como Belino se preparou para correr a São Silvestre, para enfrentar as feras estrangeiras?

Correndo apenas dez minutos por dia, cêrca de 3 000 metros (o percurso da prova é de cêrca de 9 000 metros).

— Eu não agüento treinar mais do que isso. Canso logo.

Mas Belino só cansa nos treinos. Êle correu a São Silvestre de 68, entrou em nono lugar, meio minuto atrás do primeiro colocado, depois de perder minuto e meio devido a dois acidentes no caminho. Não fôsse isso, ganhava, êle garante. Vamos torcer por êle?

Henfil 1971

DESCULPE, SEU WADI HELU... MAS FOI O PEDIDO QUE A FIEL INTEIRA ME FÊZ ÊSTE ANO...

PAPAI NOEL, EM 71 QUERIA QUE O FLAMENGO SE TORNASSE O CAMPEÃO...
HA! HA! HA! HA! HA! HA! HA!
HA! HA! HA! HA!
HA!
A GENTE TRABALHA MUITO, MAS SE DIVERTE...

Enquanto o Cruzeiro chora as mágoas e se diz com pouca so

OS MINEIROS RESOLVERAM I

Fábio Fonseca, presidente do Atlético, já sabe como vingar-se do que êle chama de traição da CBD. Como deputado federal, vai brigar para mudar a CBD e o CND para Brasília. "Lá é o lugar dos cartolas e não no Rio, vivendo nas praias e tomando uísque."

A tabela das finais foi feita para derrotar o Atlético. A CBD conseguiu o que queria: impedir que meu time fôsse campeão do Brasil. Mas êles me pagam. Como deputado federal, eleito pela torcida do Atlético, vou liderar um movimento para levar a CBD e o CND para Brasília. Lá é o lugar dos cartolas, e não no Rio, entre a praia de Copacabana e um uísque.

Êsse desabafo é do dr. Fábio Fonseca, um médico que consegue, ao mesmo tempo, ser diretor de futebol do Atlético e ídolo de todo o povo atleticano. Êle não se conforma com o terceiro lugar tirado pelo seu time no Robertão: culpa os juízes, culpa cartolas, a tabela do torneio, a CBD, todo mundo "que prejudicou o Galo". Êle diz que não é vingança, mas essa sua luta contra os cartolas da CBD e do CND vai começar com seu primeiro dia de mandato como deputado. O *doutor Fábio*, como é chamado pela torcida atleticana, acha que estando sediados no Rio, a CBD e o CND sofrem muita influência dos clubes

cariocas, e que isso prejudica o futebol do resto do Brasil.

Mas a queixa do Atlético não sai só de Fábio Fonseca: a torcida do Galo está com êle e culpa a CBD de várias coisas que prejudicaram o time:

1 — A marcação do primeiro jôgo do turno final contra o Cruzeiro, o maior rival do Galo.

2 — Os erros de Armando Marques no jôgo contra o Palmeiras, quando expulsou o zagueiro Grapete, maior fôrça da defesa do Atlético. O Galo perdeu aquêle jôgo e com êle sua chance de chegar ao título, ou pelo menos ao segundo lugar.

De acôrdo com sua torcida, Fábio Fonseca acha que os culpados não são apenas os juízes, mas também aquêles que os escalam:

— Eles só escolhem os juízes que lhes interessam. A neutralidade nunca foi norma do Departamento de Árbitros. Lá tudo é feito de acôrdo com os interêsses de Antônio do Passo. A verdade é que ninguém acreditava nas possibilidades do Atlético nesse Robertão, a não ser sua diretoria e sua torcida. Deram pouca importância à nossa participação. Quando acordaram estávamos lá, firmes, nas finais, com tudo para ganharmos a Taça. Aí as pressões começaram. No jôgo contra o Palmeiras, ainda na fase de classificação, fomos prejudicados pelo Arnaldo César Coelho. Além disso, a CBD nos havia obrigado a jogar no Parque Antártica, que é apenas o campo do Palmeiras, só isso. De nada adiantaram nossos protestos, que não foram considerados.

O Atlético não se queixa de tudo. Afinal, seus jogadores, segundo Fábio Fonseca, até surpreenderam, de tão bons; o técnico Telê Santana deu um show de eficiência; e o excesso de jogos não foi

, o Galo critica a tabela, os juízes e a política contra Minas

OTAR A BÔCA NO TROMBONE

Ora vejam. Diziam que a amizade era como o vinho, quanto mais velha melhor. Mas no Cruzeiro não foi assim. Cármine Furletti e Felício Brandi eram amigos há mais de dez anos. E hoje estão quase brigando. É uma das desculpas que o Cruzeiro nos apresenta.

só para o Galo, foi para todos. — Mas por tôdas as perseguições feitas ao Atlético é que eu vou lutar na Câmara Federal. O futebol brasileiro não admite mais discriminações. E isso tem acontecido com freqüência na CBD.

A palavra é do *doutor Fábio* e está dada à sua torcida.

A BRIGA DO CRUZEIRO

O Cruzeiro é um time que passou por várias fases nesse Robertão: começou o torneio sem técnico (Gérson dos Santos havia sido mandado embora depois do Campeonato perdido para o Atlético) e Hílton Chaves tapava o buraco. O time ganhou do Botafogo, no Mineirão, mas depois que foi derrotado pelo Fluminense, no Maracanã, levando um show de futebol, entrou em crise. Contratou Filpo Nuñes (quando tinha vários grandes técnicos desempregados por aí) e o *carrossel* inventado pelo nôvo treinador quase levou o time para o buraco, em poucos jogos. Esta foi a primeira fase, a de experiência.

Depois dela o Cruzeiro caiu na fase de descrédito. Mas as críticas, partindo da imprensa e da torcida de todo o Brasil, mexeram com os brios dos jogadores. E êles, tendo de volta o ex-companheiro Hílton Chaves como técnico, decidiram provar que o melhor futebol do Brasil ainda era dêles. Começava então a terceira fase do time: a de reabilitação. Ninguém acreditava que o Cruzeiro conseguiria chegar às finais. E o futebol de seus jogadores realmente reapareceu. Êle chegou.

Mas depois de conseguir tudo isso e ser o lanterna das finais, o diretor de futebol Cármine Furletti está indeciso: não sabe se culpa os juízes, o azar, os jogadores, ou sua própria equipe, todinha. E entre tôdas essas queixas surge uma denúncia do ex-diretor de juvenis e atual conselheiro do Cruzeiro, Ronaldo Monteiro — que trabalha pelo clube há muitos anos — e que pode transformar a situação do time de Tostão numa confusão muito séria:

— Temos time para ser campeão de qualquer coisa, mas no Robertão não houve entendimento entre o presidente Felício Brandi e o diretor Cármine Furletti. A velha amizade e o entrosamento que êles mantinham há mais de dez anos acabou. E muita coisa pode mudar também no Cruzeiro, se não se tomarem certas iniciativas. Se perguntam a Furletti sôbre o possível prejuízo causado pelos juízes, sôbre o Cruzeiro, êle fala muito e chega à conclusão de que êles não prejudicaram nada; se perguntam sôbre o sistema de Filpo Nuñes, êle se declara culpado por levar o técnico, que piorou o sistema de jôgo, mas garante:

— O Cruzeiro precisa mudar seu modo de jogar.

Arthur Ferreira

PLACAR
EMERSON
FITTIPALDI
pilōto Fōrmula 1

Materiał chroniony prawem autorskim

Athiê: vamos aban

SANTO

O presidente do Santos, Athiê Jorge Curi, quer dividir seu time em dois no ano que vem: um para disputar o Campeonato Paulista e ganhar o título de que precisa, e outro, com Pelé, para excursionar e trazer os dólares de que o clube precisa mais ainda que os títulos.

O diretor de futebol do Santos, general Osman Ribeiro de Moura, quer tirar o time do Santos do Robertão de 71 e levá-lo para uma excursão de cinco meses, com Pelé e tudo. Ele acha que a idéia de Athiê é irrealizável:

— Existe um regulamento, na FPF, que obriga os times a participarem do Campeonato com seus times principais. Mas o Santos poderá não entrar no Robertão do ano que vem. Isso devemos tentar, porque é um torneio disputado por times convidados pela CBD, através da Federação Paulista. E

...er o Campeonato Paulista. Osman: Não. Abandonamos o Robertão.

...S FORA DO ROBERTÃO-71

O Santos está procurando soluções para seus problemas financeiros, abandonando o Maracanã, o Pacaembu, o Mineirão. Quer jogar em Hong Kong, onde os dólares aparecem. Quer abandonar o Robertão, a torcida brasileira. Será que êles pensaram que Pelé e sua família terão que ficar separados por mais de cinco meses? Será que êles pensaram nos demais clubes brasileiros? Parece que não, pois é isto que o Santos planeja fazer o ano que vem: deixar o Robertão, afastar-se do Brasil.

como a CBD quer tirar um time paulista e um carioca, em 71, êsse time pode ser o nosso, quem sabe? Para provar que sua idéia é válida, o general quer mostrar dentro de alguns dias três balancetes de seu clube: um no Campeonato Paulista, outro no Robertão e um na excursão:

— Quero mostrar para a imprensa que a idéia do Campeonato Nacional é certa. Todos verão que os nossos campeonatos dão prejuízos. Que o Santos, quando vai jogar em Ribeirão Prêto, quebra o recorde de renda da cidade, mas tem um prejuízo de Cr$ 1 000,00. É isso que deve acabar: os clubes grandes não podem ficar sustentando os pequenos. Dentro do futebol profissional temos que ser realistas.

Outra coisa que o general quer mostrar — esta aos dirigentes paulistas — é que o Santos realmente recebe 22 000 dólares por partida lá fora. É uma espécie de orgulho:

— Olha, o Santos não precisa mais de títulos para ter prestígio. A Taça Libertadores também não nos interessa, porque disputamos uma muito mais importante, que é a Recopa, a taça dos clubes campeões do mundo. Nós já temos muito prestígio e temos Pelé. Nessa última excursão demos uma entrevista para 92 jornalistas de várias partes do mundo, alguns dêles de jornais com tiragem de 2 milhões de exemplares por dia. Sabem o que isso representa em matéria de promoção para o Santos e o Brasil? Representa o que não se conseguiria por muito tempo, em outro continente qualquer.

O general vai se empolgando, agora mostra que o Santos, enquanto jogava em Hong Kong, recusou mais de quinze convites (a Cr$ 175 000,00 cada) para jogar no Japão, na Coréia do Norte e na Malásia.

— O Santos, amigo, tem convites para ficar jogando o ano inteiro lá fora, se quiser. Se ficarmos fora do Robertão-71, como pretendemos, vamos excursionar durante cinco meses, para ganhar muitos dólares e manter um grande time. Nas condições atuais do profissionalismo, não há condições de se manter um grande time.

Um homem magro, de bigodes finos bem aparados, carregando uma pasta tipo 007, passa por perto e o general pára para mostrá-lo:

— Aquêle homem está com 22 000 dólares dentro daquela pasta e os está oferecendo ao Santos, por um jôgo em Paramaribo, no início da excursão do ano que vem. Estamos recusando. Sabem por quê? Não temos data. Não temos data para todo o ano de 71. Mas êsse dinheiro, que êle quer nos pagar adiantadamente, não pode ser jogado fora. Vamos ver se conseguimos uma licença no CND para jogarmos duas partidas em 48 horas. Afinal, somos profissionais.

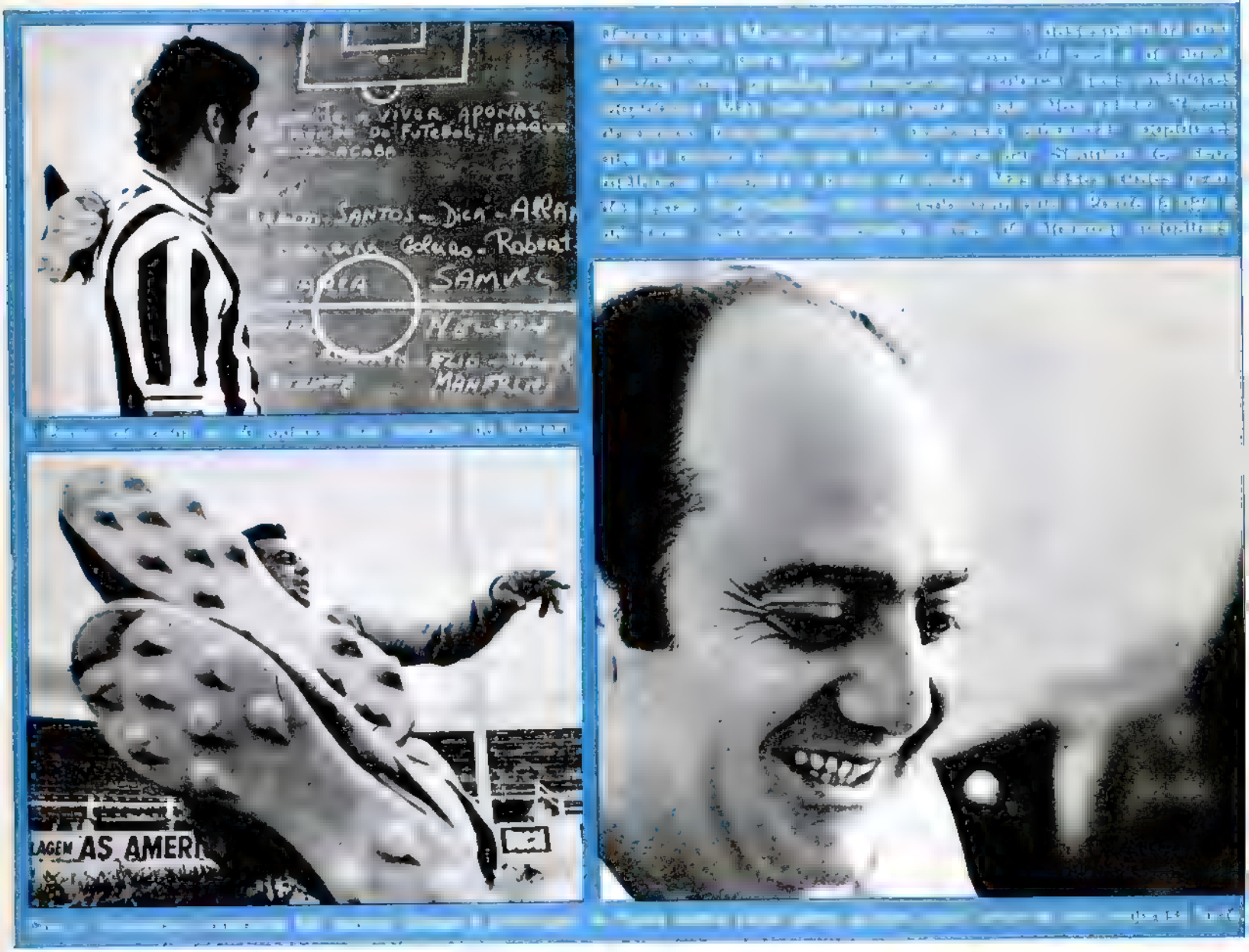
Os jogadores também são profissionais. Mas êles ainda não sabem da história de ficarem o ano quase todo viajando. Êles são na grande maioria, casados e pais de família, como Pelé, Carlos Alberto, Cejas, Lima, Djalma Dias, Rildo, Ramos Delgado, Abel, Cláudio, sem contar o técnico Antoninho, o médico, o massagista.

E é bem possível que a briga entre Carlos Alberto e o Santos — ou mais pròpriamente com o general Osman — tenha agora uma solução. Afinal, o general está sonhando com o profissionalismo e Carlos Alberto, como capitão da Seleção, talvez esteja de nôvo em seus planos.

Michel Laurence

A Macaca justifica seu fracasso no Robertão, conta os planos de reno

QUER VENDER OU COMPRAR



Fogo de palha, todos diziam no começo do Campeonato Paulista. Mas a Ponte Preta foi vice-campeã paulista. Vai fazer um papelão na Taça de Prata, todos falavam. E a Ponte Preta acabou lá na rabeira.

— Nossos jogadores eram muito inexperientes. Parece mentira, mas a maioria ainda não tinha viajado de avião. Nossa primeira viagem, para Salvador, foi um drama. Chegamos com antecedência, mas mesmo assim alguns jogadores não se recuperaram. (Cilinho.)

A Ponte Preta terminou o Robertão lá atrás. Só por causa de avião?

— Outra coisa: meu time nunca tinha jogado em grandes estádios. Na nossa estréia, no Maracanã, mandei o time entrar em campo meia hora antes do jôgo. Os jogadores ficaram abobados com o brilho dos refletores, com o tamanho das arquibancadas, sem qualquer reação. (Cilinho.)

O Robertão serviu para os jogadores da Ponte Preta ficarem mais experientes.

Serviu também para que o técnico Cilinho começasse a lançar quatro novos jogadores: o armador Paulinho, o ponta-direita Vicente, o goleiro Valdir e o quarto-zagueiro Dagoberto.

— Nossos planos continuam: vamos prepará-los técnica e psicològicamente para que não se percam na hora em que se tornarem titulares. (Sérgio Abdala, presidente da Ponte.)

Outra lição do Robertão: a Ponte precisa de um centroavante que saiba abrir espaços nas defesas, que tenha fome de gols, o que não é o caso de Manfrini. Sérgio Abdala está disposto a pagar até Cr$ 200 000,00 por tal centroavante.

— Chegou a hora de reforçarmos o time. Também precisamos de um quarto-zagueiro. Temos Cr$ 400 000,00 para gastar. (Abdala.)

Como será a Ponte depois das férias dos jogadores? Principalmente um clube em organização, com grandes planos para o futebol.

O clube vai contratar um auxiliar-técnico para Cilinho, mais um massagista e um preparador físico.

Desta forma Cilinho poderá assistir melhor às categorias inferiores.

Há também planos para transformar a Ponte Preta numa verdadeira emprêsa, como o Internacional, que explora até restaurante e cervejaria

— Enquanto isso não acontece, iniciamos uma campanha de venda de títulos da sede de campo:

ação, os sonhos para se tornar uma emprêsa e permite êsse título

? PROCURE A PONTE PRETA

5 000 títulos a Cr$ 1 000,00 cada um. Todo o dinheiro que sobrar será empregado no futebol. (Sérgio Abdala.)

A Ponte Preta quer formar um timaço, mas seus dirigentes entendem que não há jogadores inegociáveis. Por isso, os "cobrões" do time, como Dicá, Samuel, Wilson e Alã, embora sem preço de passe fixado, estão permanentemente à venda.

— Mas os interessados devem aparecer com dinheiro. Os que nos procuraram querem apenas fazer *rolos*. Nos oferecem muitos jogadores fracos e pouco dinheiro em troca de nossos craques. Não queremos vender ninguém, mas somos um clube com espírito de emprêsa e não podemos reter jogadores. Também não estamos mal financeiramente. Temos um deficit que poderá ser fàcilmente ultrapassado. O mal é que somos a Ponte Preta. Quer um exemplo? Todo mundo diz que a Portuguêsa *vende* Leivinha. Nós *leiloamos* Dicá. (Abdala.)

— É como o presidente diz. Vejam o caso do Santos, que nos ofereceu Paulo (que êles dizem valer Cr$ 100 000,00), Negreiros (Cr$ 120 000,00) e Feijão (Cr$ 80 000,00), num total de Cr$ 300 000,00 por Dicá. O Corintians também ofereceu vários reservas e pouco dinheiro por Samuel. Tião, que nos interessa, o Corintians não quer colocar no negócio. Só querem dar bagulho. Você acha que podemos fazer negócio com êstes dois clubes? É lógico que não. (Cilinho)

Time jovem, com idade média de 21 anos, a Ponte Preta deverá perder seu mais importante jogador, Roberto Pinto.

— Eu gosto demais do clube, mas minha mulher não se adaptou ao clima de Campinas. É uma pena. (Roberto Pinto.)

— Roberto era quem orientava o time dentro de campo. Mas sua saída não deverá ser muito prejudicial. Teremos apenas que descobrir um líder entre Bazaninho, Teodoro ou Dicá. (Sérgio Abdala.)

Êste, sim, é o único problema da Ponte Preta que não tem solução encaminhada. O time precisa de um substituto para Roberto Pinto, um homem frio e tranqüilo, como o presidente Sérgio Abdala.

— Tudo o que aconteceu até agora estava programado, inclusive nossa colocação no Robertão. Mas de agora em diante a Ponte começará a crescer. Queremos o título do Campeonato Paulista e sonhamos em nos transformar na primeira emprêsa do futebol brasileiro

Paulo Mattiussi

Os maiores times do país reunidos num torneio de co

CHEGOU A HORA

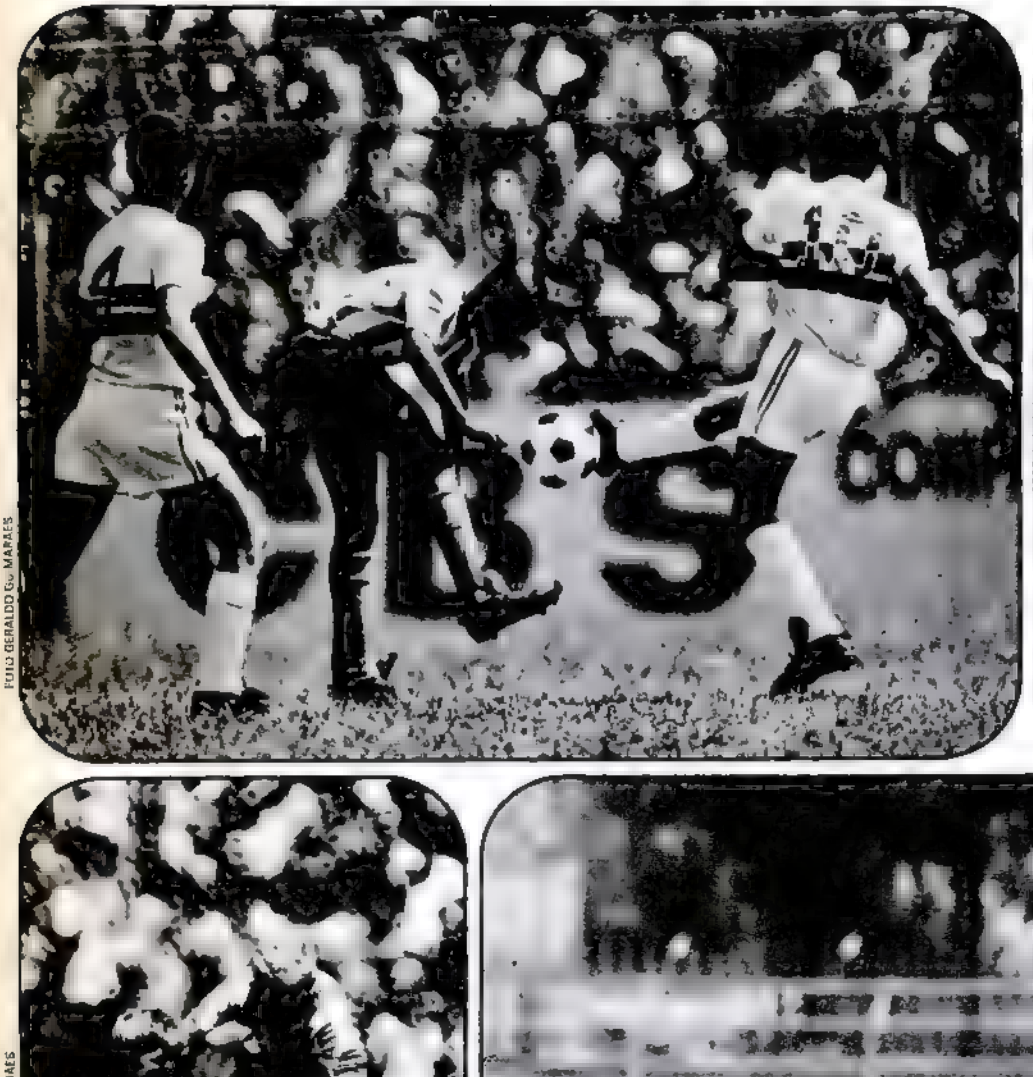


FOTO GERALDO G... MARAES

FOTO MANOEL MOTTA

A MAIOR ALEGRIA DO MUNDO

A luta do meio-campo, a briga constante na "...na do agrião", as bolas centradas na área, as d... cussões, reclamações, os grandes passes, os d... bles, as cabeçadas, as defesas. E muitos goo

FOTO GERALDO G... MARAES

LINDA, LINDA, LINDA

As festas dos sábados conseguiram fàcilmente ocupar na agenda do torcedor o lugar reservado a "ir ao jôgo". No futebol dos garotos muito sonho, muito talento e as alegrias e frustrações do grande clássico.

FOTO GERALDO G... MARAES

ter nacional. Não é o Robertão. São os Dentes de Leite.

DO ROBERTINHO

ela primeira vez os dentes de leite transcendem sua própria cidade, o seu Estado de origem. É o Robertinho, nçado pelos jornalistas Eli Coimbra e Roberto Petri, da Televisão Tupi de São Paulo. Uma versão melhorada o Robertão, a partir de janeiro. Para o futebol brasileiro êste torneio será a grande abertura da temporada de 1971 o nascimento dos que serão craques de 1977. Os profissionais podem estar de férias. O espetáculo continua.

FOTO GERALDO GUIMARÃES

São Paulo x Flamengo, sábado de manhã, em São Paulo; Vasco x Palmeiras, domingo de manhã, no Rio. É a largada. São seis times paulistas (São Paulo, Corintians, Palmeiras, Juventus, Nacional e Portuguêsa) e seis cariocas (Vasco, Flamengo, Fluminense, Botafogo, Olaria e Pavunense).

O esquema geral do Robertinho é quase o mesmo do Robertão, com diferenças básicas em alguns pontos: rodadas triplas, muita transmissão direta.

A primeira fase vai ser disputada por êsses doze times escolhidos por uma Comissão Organizadora (três do Rio, três de São Paulo). Joga todo mundo contra todo mundo, contando pontos ganhos normalmente. E os times estão divididos em dois grupos: Série A, com os seis paulistas; Série B, com os seis cariocas. Êsse pequeno truque já garante, logo de cara, a classificação de um time de cada Estado.

E aí entra a da televisão: você poderá simplesmente ver **todos** os jogos do Robertinho. Como? Em São Paulo os jogos serão aos sábados, a partir de 8h30 da manhã. No Rio aos domingos, mesmo horário. E todos serão transmitidos pela tevê para os dois Estados. Entendem? Não tem desculpa pra não ver. (Só mesmo preguiça de acordar.)

Com um classificado em cada série, o Robertinho passa a uma fase final. "Ainda não é isso que queremos. O ideal era um Super-Robertinho, com times de todos os Estados que já têm dentes", dizem Eli Coimbra e Roberto Petri, membros paulistas da CO. O outro é José Astolfi; os três do Rio são Ivo Gorguinho, Daniel Nunes e Sílvio Cavalcanti.

FESTA NAS FÉRIAS

Essa primeira fase começa em 16 de janeiro com três jogos em cada Estado. Mas até o dia 10 todos os times inscritos têm que entregar a relação dos 25 "cobrões". O regulamento está bem feito e não permite qualquer moleza: pra começar, não aceita recurso pedindo anulação de jôgo; não aceita apelação quanto a idade dos garotos; e qualquer um que tiver a má idéia de faturar em cima do espetáculo dos "reizinhos" vai ser eliminado sem muita conversa.

— Quando estávamos organizando tudo isso, perguntaram como seriam as viagens. Resolvemos na hora. Tudo de ônibus, às custas e sob o contrôle da Comissão Organizadora — explicam Eli e Petri. — Vejam vocês o caso do Santos: só ficou de fora porque, além das seis horas daqui ao Rio, teriam mais duas horas de Santos até São Paulo. Todos concordaram que era forçar muito a barra da garotada. Tanto marmanjo vive reclamando de viajar de avião. Imaginem êles.

O regulamento tratou bem até de coisas que no Robertão vivem dando confusões: só médico, massagista, técnico e um cartolinha poderão ficar em campo. O lugar dos bicões será na arquibancada.

DEPOIS MUDA TUDO

As coisas são inteiramente diferentes na fase final. (É bom lembrar os critérios para empate na fase de classificação: saldo de gols, goal-average, quem ganhou o primeiro jôgo entre os dois, sorteio.)

Primeiro jôgo: primeiro da Chave A contra o campeão gaúcho, o Lansul; primeiro da B contra o Atlético Mineiro, campeão mineiro; e aí os dois vencedores jogam uma só partida (sujeita a prorrogação), onde será decidido o título do I Campeonato Brasileiro de Dentes de Leite.

Mas o Robertinho, assim como qualquer jôgo dente-de-leite, tem lá suas graças. Até o frio e adulto regulamento dá umas divertidas: "Artigo 21: Não haverá limitação de altura". Ou no artigo 24, quando pega pelo pé os clubes que talvez pensassem em faturar: "Não será permitida a cobrança de ingressos".

Falta pouco tempo para o começo. Os dentes estão de férias junto com os cobrões, os seus ídolos. Mas em menos de vinte dias êles estarão nos estádios, com jeito de criança, futebol de gente grande, com cara de criança, garra de gente grande. Prepare-se. Os dentes estão sendo afiados.

MOLINA FOI MOLEZA. QUERO PEGAR É O ARCARI!

Para João Henrique, vencer Molina não foi problema. Foi apenas um "treino" onde manteve o título sul-americano. Um treino onde êle se preparou para a luta contra Bruno Arcari, dia 30 de janeiro, em Roma. João garante que ganha também esta, o que lhe valerá o título mundial dos meio-médios, versão WBC.

Os braços levantados, o mesmo sorriso agradecendo aos aplausos, a mesma maneira desligada de falar sôbre mais uma vitória:

— Foi sorte. Dei sorte de acertar bem, logo no início. O Molina é bom, mas quando entrei no ringue já sabia que o venceria. Só não esperava que fôsse assim tão fácil.

João Henrique, 24 anos, dez de boxe, meio-médio, primeiro desafiante ao título mundial, versão WBC, está num canto do ringue. No outro, rosto inchado, olhar de derrotado, está Mario Molina, chileno. Êle caiu no terceiro assalto. Essa foi uma luta, ou melhor, um treino, como Valdemar Zumbano, técnico de João, gosta de dizer.

— O João está preparado para lutar com o campeão mundial, seja quem fôr. Pode ser o Bruno Arcari (versão WBC) ou o Nicolino Loche (versão WBA). Essa luta nós fizemos apenas para que êle não ficasse tanto tempo sem lutar. A luta com Arcari será apenas dia 30 de janeiro.

— É, mas o Nicolino não aceitou o meu desafio. Êsse cara está atravessado na minha garganta. Depois que eu ganhar do Bruno Arcari espero uns seis meses e aí vou desafiá-lo novamente. Então vamos ter apenas um campeão mundial para as duas versões: eu. (João.) Mas foi perdendo para Nicolino Loche, lá na Argentina, que João Henrique aprendeu muita coisa. Uma delas: como tratar com a imprensa.

— Na Argentina êles me procuravam todos os dias, sempre os mesmos. Sabe por quê? Para que eu não tivesse descanso. E eu, muito bôbo, atendia a todos com a máxima boa vontade. Mas na Itália vai ser diferente. Vou marcar um horário para a imprensa e no dia da luta não vou atender a ninguém. Outra foi a necessidade de conhecer bem o seu próximo adversário. Por isso, todos os dias depois dos treinos João Henrique e Valdemar Zumbano assistem, lá mesmo na Academia Bel-Boxe (SP), a filmes sôbre as últimas lutas de Bruno Arcari.

— São três filmes. Duas vitórias de Arcari contra o brasileiro Raimundo Dias e Pedro Adguem. E uma luta que o juiz suspendeu contra o francês Renê Roque.

— E tenho aprendido muitas lições com êsses filmes. Descobri o fraco do Arcari: seus supercílios são frágeis. Vou aproveitar principalmente isso, desde os primeiros assaltos vou bater em cima dos seus olhos, até êle cair. A outra, o Arcari é muito baixo, isso também facilita muito. Tenho boa envergadura e poderia acertá-lo fàcilmente embaixo.

Uma outra coisa que João Henrique percebeu, embora não goste de comentar, são as poucas qualidades técnicas de Bruno Arcari, um lutador baixinho, de pouco jôgo de pernas, mas com uma boa *pegada* e muita manha: dá cabeçadas sem o juiz ver.

— Eu queria falar com o Raimundo Dias para que êle me contasse a sua luta com o Arcari e essa história das cabeçadas. Mas êle não tem aparecido na academia.

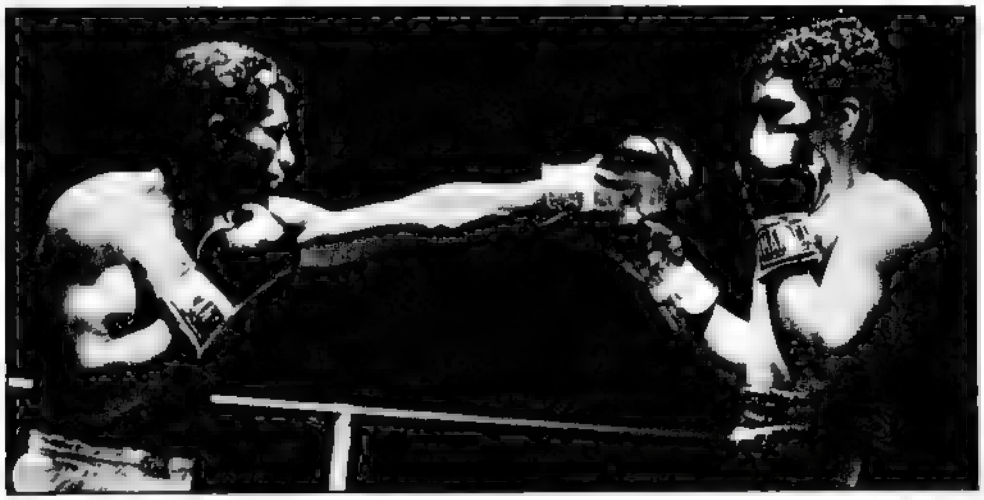
— Na luta com Renê Roque, Bruno Arcari apanhou do comêço ao fim. Mas como a luta era na Itália, com juízes italianos, êles suspenderam a luta na metade, alegando que o francês estava usando muito a cabeça.

— No filme não vi nada disso. O que vi foi o Bruno Arcari apanhar a luta inteira. Pelo menos nessa luta, Renê Roque estava muito superior a êle.

É essa a superioridade que João Henrique quer ter na luta do dia 30 de janeiro. Por isso, logo no primeiro assalto João Henrique vai partir para a briga. Jôgo aberto de quem quer ganhar a luta por nocaute.

— Quem luta lá fora tem que ganhar por nocaute. Por pontos não traz o título. Foi assim com o Éder e o Harada, lá no Japão. Foi assim comigo e o Nicolino Loche, lá na Argentina. E tenho certeza que será sempre assim. Por isso vou lutar para nocautear o Arcari. E vou conseguir. Estou no ponto ideal para quem quer disputar um título mundial.

Por isso o único problema de João Henrique até 30 de janeiro será manter-se em forma seguindo a rotina que guia a sua vida desde quando começou a treinar boxe. Acordar todos os dias as 5h30, ir para o clube da Guarda Civil, na Avenida Marginal, em São Paulo, fazer duas horas de *footing* (corridas em volta da pista de atletis-



FOTOS FERNANDO BARCELLOS

mo). Depois ir para as aulas do Curso de Madureza Ginasial. Voltar para casa e almoçar, carnes e saladas, para evitar o aumento de pêso.

— Eu mesmo cuido das comidas do João. E desta vez vamos manter a comida do regime um mês antes da luta, vamos evitar — como já aconteceu muitas vêzes —, que o João precise ficar um ou dois dias sem comer para entrar no pêso. (Dona Maria, mãe de João.)

À tarde, depois de estudar as lições do dia, ou de fazer algum serviço em casa, vai para a academia treinar. À noite pode ficar na rua até as 22 horas.

— Acontece que nós não queremos surprêsas. Vamos sair daqui para ganhar. E o João está consciente disso, vai seguir a nossa linha de treinamento. Êle, mais do que ninguém, quer êsse título. (Valdemar.)

— Um sujeito, quando pretende uma coisa, deve abandonar tudo para conseguir aquilo que êle acha ser o seu ideal. E o meu ideal é ser campeão mundial, por isso abandonei todos os prazeres que um jovem da minha idade pode ter. Só voltarei a ser um jovem *normal*, que gosta de festas, que pretende casar, depois do dia em que ganhar o título mundial. E isso, tenho certeza, será depois da luta com o Arcari. (João Henrique.)

Paulo Mattiussi

Peço mandar preparar meu ASTROPERFIL individual para os próximos 180 dias para o que dou abaixo os dados necessários e anexo um cheque, nominal à Astroperfil Editôra Ltda., C. Postal 2372, S. Paulo - SP, no valôr de Cr$ 20,00 (vinte cruzeiros)

Nome .....

Rua ..... N.º .....

Cidade ..... Estado .....

Data de nascimento Dia ..... Mês ..... Ano .....

Lugar do nascimento Cidade ..... Estado ..... País .....

Hora do Nascimento .....

Se não souber a hora, assinale o período: Antes do meio dia ☐ Depois do meio dia ☐ TV Não sabe ☐

ÊSTE CUPOM PODE MELHORAR SUA VIDA A PARTIR DE HOJE!

O MAIS MODERNO COMPUTADOR VAI REVELAR O SEU ASTROPERFIL INDIVIDUAL.

Você vai ter uma grande surprêsa quando descobrir o seu perfil inteiro, de corpo e alma. Astroperfil é você, no mais profundo do seu íntimo. Um exclusivo estudo psicológico de sua personalidade, feito por um computador (um moderno IBM 360/50) e acompanhado de previsões para o seu futuro. São 18 páginas e 6.000 palavras de informações particulares sôbre você, feitas com base no dia, mês, ano, local e hora em que você nasceu. Mande hoje mesmo o seu cupom. Com o seu Astroperfil, você viverá melhor com mais segurança e auto-conhecimento.

ASTROPERFIL

CAIXA POSTAL 2372 - SÃO PAULO - SP.

Por trás de todo homem importante existe uma mulher. Aqui estão quatro delas. Yvonne, Truus, Ineke e Stenny são as mulheres por trás de homens importantes no futebol: jogadores do Feijenoord, campeões do mundo.

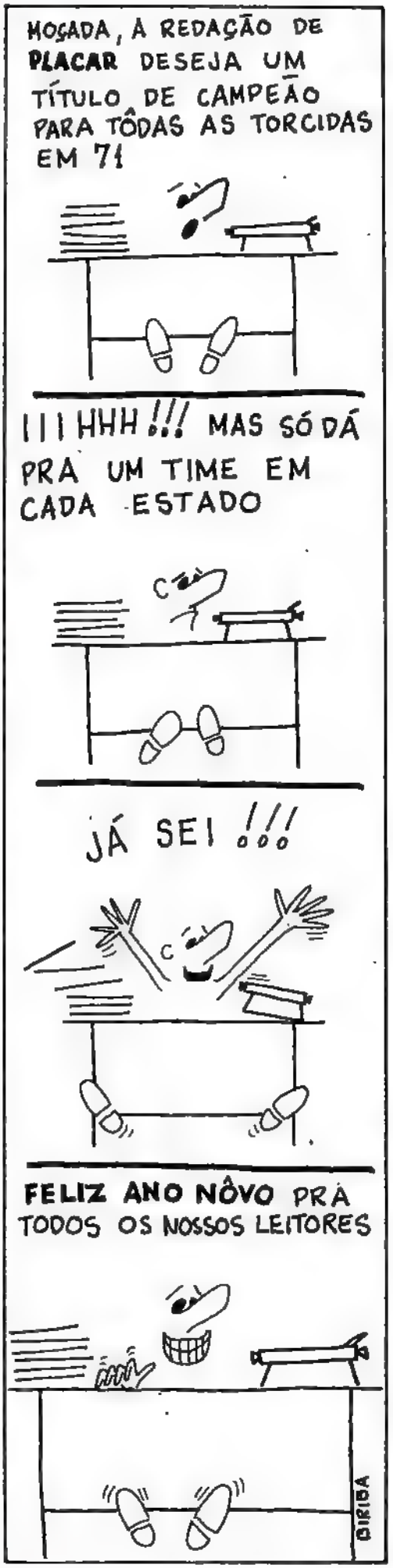
OS CAMPEÕES DO MUNDO DEVEM MUITO A ESSAS MULHERES

Elas podem até dizer que também são campeãs do mundo. Yvonne, Truus, Ineke e Stenny levam a vida de campeões do mundo de futebol. Viagens, excursões, jogos no exterior, grandes decisões, lá estão elas, junto aos onze homens do Feijenoord, time em que jogam seus maridos. Yvonne, por exemplo, entra pela segunda vez nesta lista de "mulheres de campeões do mundo", feita pela imprensa européia. Seu marido mudou de clube e desta vez ela usa a camisa do Feijenoord, holandês, atual campeão. Truus é casada com Wim, tem dois filhos e diz que êle a fêz parar com a ginástica, porque "não gosta de nada que seja perfeito no esporte". Ineke vai sempre aos jogos (independentemente do resultado, ela e Theo jantam fora depois) e reclama "contra os que o acusam de jogar violentamente; êle não é violento". E Stenny tem apenas uma preocupação com o futebol: "Que Jantje, seu filho, não siga os passos do pai Henk: nunca irei vê-lo jogar".

Ineke, à esq., gosta da garra d marido em campo. E Stenny, ac ma, não quer que o filho jogue

Yvonne van Duivenbode com a camisa do Feijenoord. Só com a camisa do Feijenoord. É a garantia de um campeão do mundo.

Truus é casada com Wim, conhecido como "O Torto". Mas nem pelo apelido deixa de ir a todos os treinos e jogos do marido.

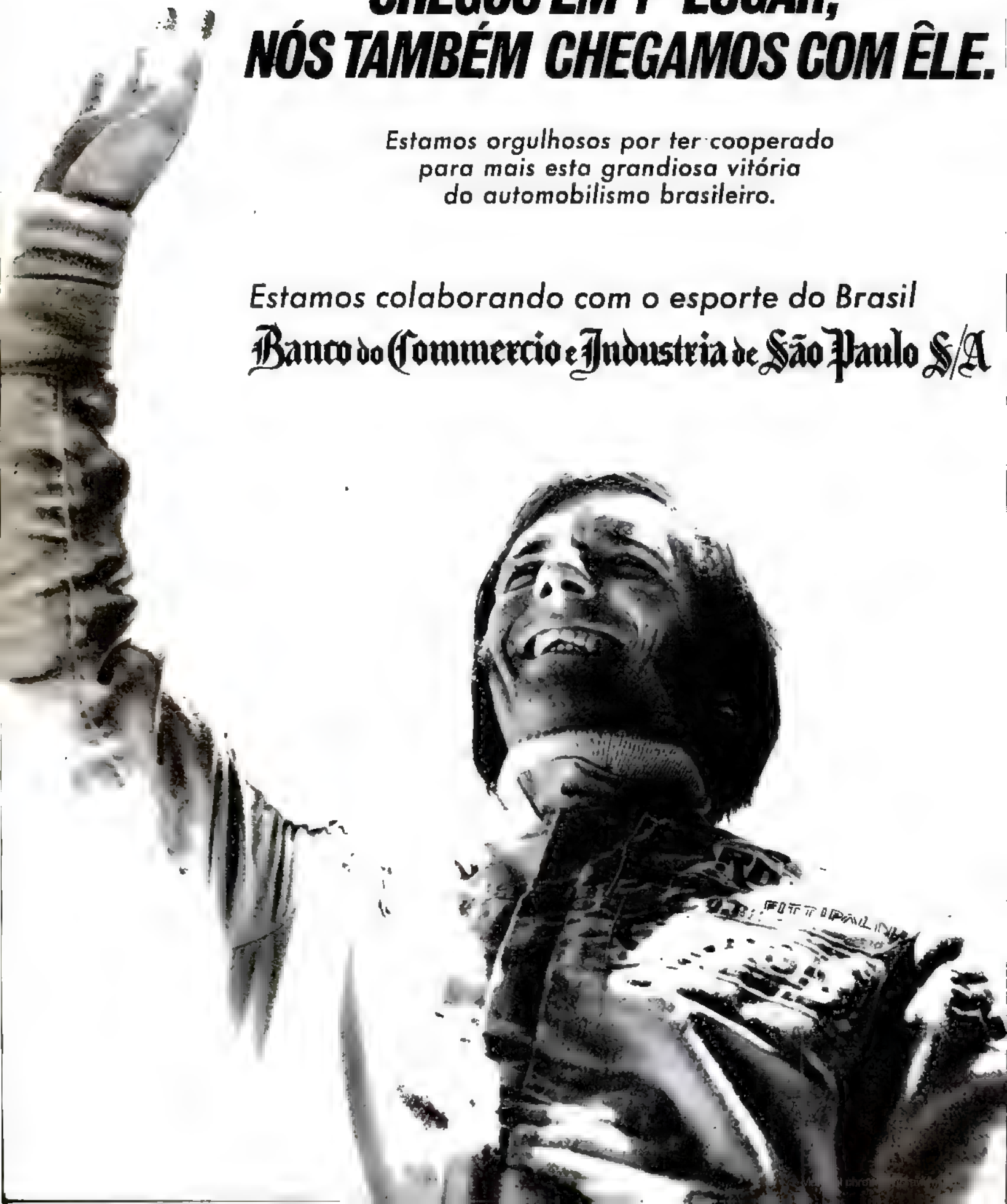


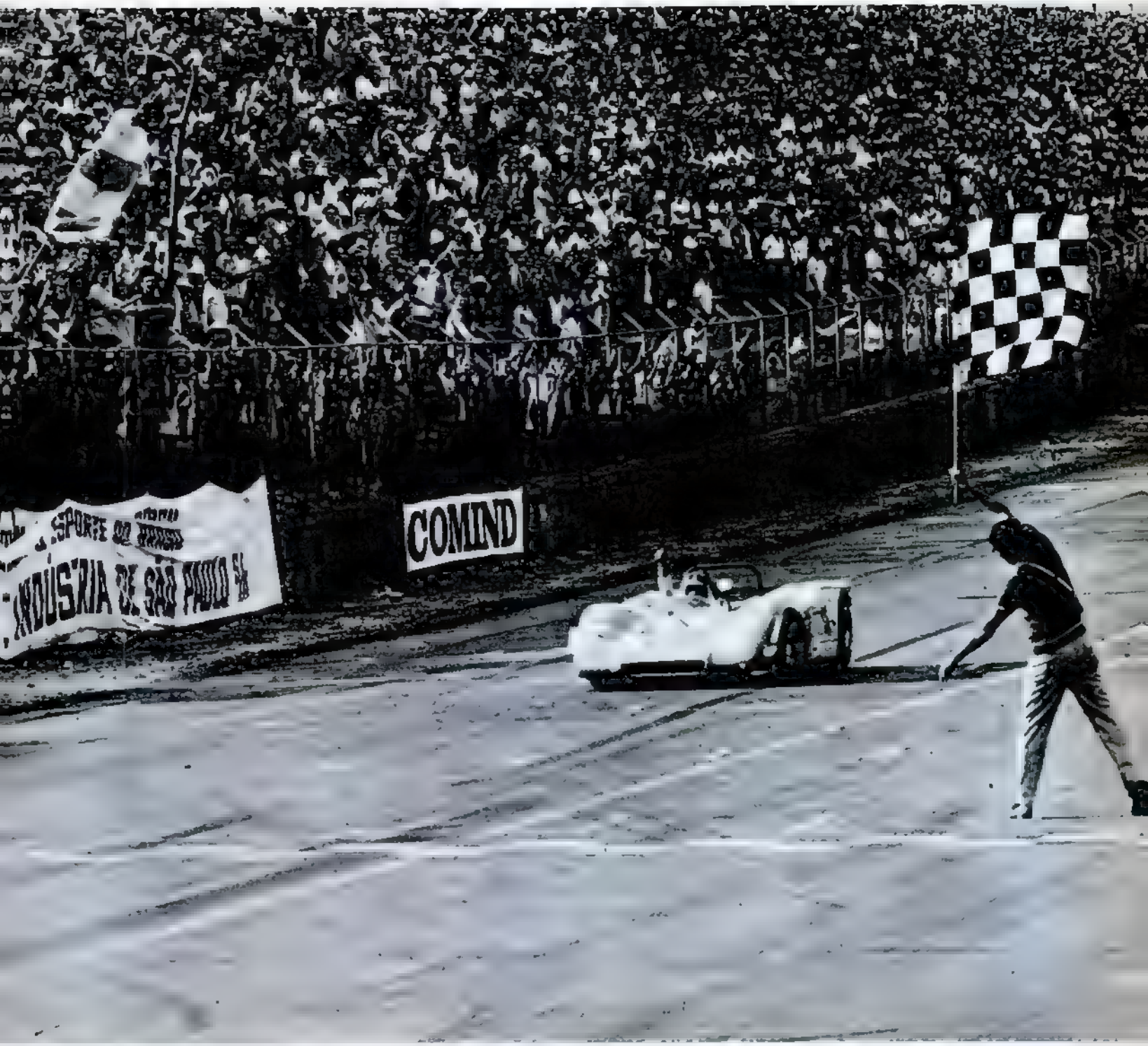
QUANDO EMERSON FITTIPALDI CHEGOU EM 1º LUGAR, NÓS TAMBÉM CHEGAMOS COM ÊLE.

Estamos orgulhosos por ter cooperado para mais esta grandiosa vitória do automobilismo brasileiro.

Estamos colaborando com o esporte do Brasil

Banco do Commercio e Industria de São Paulo S/A





ESTA COPA TAMBÉM É NOSSA!

Quando começou a Copa Brasil ninguém podi afirmar a nossa vitória. Nosso carro não era mais potente. Havia a Ferrari de Moretti, havv o Porsche do príncipe Bagration, bons piloto em grandes carros. Mas nós tínhamos Emer son Fittipaldi, um jovem de 24 anos, um do 24 pilotos de Fórmula 1 no mundo. E graças êle fechamos o ano com mais uma Copo

NÃO DEU NEM PARA TORCER. CARRO E EMERSON PARECIAM UM RELÓGIO, DE TÃO PERFEITOS.

Um pequeno carro laranja aparece na reta da chegada. O público está de pé, gritando o nome de Emerson. Rindo, Ângelo Juliano, diretor da prova, agita a bandeira quadriculada da vitória. Cinco câmaras de cinema e quatro de televisão acompanham a chegada.

Emerson venceu a corrida e a Copa Brasil.

Uma hora, 1 minuto e 773 milésimos foi o tempo que êle levou para dar as 21 voltas por Interlagos, correndo a 162,090 km/h.

Catorze segundos depois passa a Ferrari 512-S, de Moretti. Mais onze segundos e passa o Porsche 908 do príncipe Jorge de Bagration.

Todos querem ajudar Emerson a subir no **podium**. Lá em cima êle é abraçado por Jorge de Bagration, segundo na classificação geral da Copa. E por Gian Piero Moretti, quinto na geral.

Wilson Fittipaldi Jr., quarto colocado na geral, olha tudo de longe. Os olhos dos irmãos se cruzam no meio de tôda a confusão e os dois trocam um rápido sinal com o dedo polegar.

MAIS UMA. PRA FRENTE, BRASIL

Alex Soler-Roig, que chegou em quarto na corrida, mas que ficou em terceiro na geral, recebe muitos abraços. Ao escutar o começo do Hino Nacional brasileiro, fica em silêncio. Quase todos ficam em silêncio.

Depois do hino a banda da Fôrça Pública toca "Pra frente Brasil" e Emerson não consegue mais nem se mexer. São necessários alguns guardas para ajudá-lo a correr para o vestiário, embaixo da tôrre de cronometragem.

Agora que tudo acabou, ninguém mais vaia ou fala mal de Moretti. Com apenas duas corridas êle conseguiu fazer 14 pontos (duas vêzes segundo lugar). Todos já esqueceram a raiva que tinham no começo da corrida, quando sua Ferrari estava na frente de Emerson.

Lembram-se apenas do momento em que Emerson passou por êle, na terceira volta. Bem atrás do boxe, na curva do Sargento. No momento exato em que Moretti pisou no freio para fazer a tomada da curva, Emerson passou por dentro, sem permitir ao carro o menor desvio na curva feita no *limite* (velocidade máxima que o carro pode dar numa curva). Emerson continuou na frente até o fim, sem diminuir o ritmo, sem errar uma vez. A torcida, preparada para ajudar Emerson, passou a incentivar Wilsinho. Êle estava em quarto.

Dez segundos atrás de Moretti estava o Porsche do príncipe e, na sua traseira, a Lola de Wilsinho. Na quarta volta Wilsinho começou a forçar, a querer passar. Procurava uma brecha tentando achá-la em cada curva. Seu carro e o do príncipe aproximam-se da Ferrari. Emerson já está bem na frente dêles.

UM CARRO LARANJA PASSA TODOS

Alguns carros atrapalham os líderes. Dos quatro, só Emerson consegue passar sem diminuir a marcha. Passa o protótipo Fúria no Sol, passa o protótipo Amato no S. O carro amarelo de Wilsinho começa a ficar para trás, cada vez mais longe. Emerson, Moretti, o príncipe e Soler-Roig passam pelos boxes e, bem depois dêles, chega Wilsinho, devagar, entrando no boxe.

— Quando a briga estava boa eu tinha que dar azar. O motor ferveu, esquentou muito. Tive que parar. Com êsse calor, era de se esperar que os carros esquentassem. Lógico, o meu tinha que ser o primeiro.

Ao público restava torcer para não acontecer o mesmo com Emerson e sentir um pouco de carinho pelo príncipe, em sua luta contra a Ferrari. A distância entre êles mudava a cada volta. Mas em nenhum momento o príncipe conseguiu chegar perto o bastante para tentar passá-la.

A VEZ DOS CARTOLAS. NO FIM

Quando os carros passaram pela décima vez, os dez primeiros lugares estavam definidos e continuariam iguais até o fim. Emerson, Moretti, o príncipe, Soler-Roig, Del Rio (o argentino), Jaime Silva, Massami Kuwashima (o japonês), Sgarbi, Élvio Divani e José Chateaubriand.

Interlagos começa a ficar vazio, os cartolas (automobilismo também tem seus cartolas, tanto quanto o futebol) fazem seus grupinhos para falar mal ou bem da Copa Brasil (de acôrdo com o lado político a que pertencem). Alguns pilotos nacionais tentam comprar os principais carros: as Lolas, os Porsches e a Ferrari.

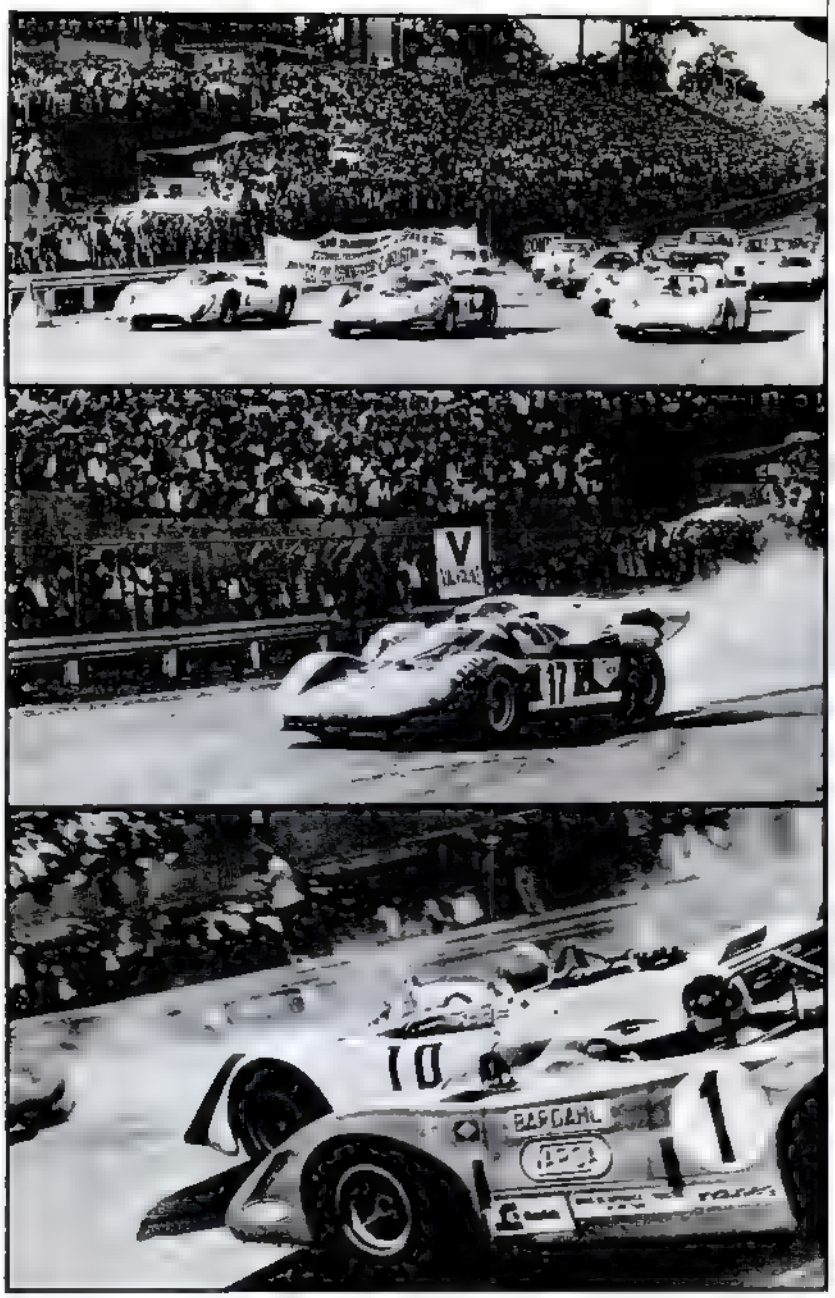
Jorge de Bagration, cercado de rapazes e mêças, fala bem de Emerson. E do Brasil.

— O tratamento que recebi aqui foi melhor que o melhor. Povo simpático, gente alegre. Gostei de Interlagos e estas corridas serviram para mostrar que aqui em São Paulo existe um bom autódromo. Quase tôdas as revistas européias de automobilismo estão falando muito desta Copa.

Moretti, também cercado de rapazes e môças, diz a mesma coisa com outras palavras. E se queixa:

— Que calor, ê?

Emerson, de roupa comum, beija a mulher no rosto, abraça o irmão Wilson e conversa, em inglês, com o mecânico Bob. Para êle, agora que terminou a Copa Brasil, está na hora de começar a pensar na próxima corrida.

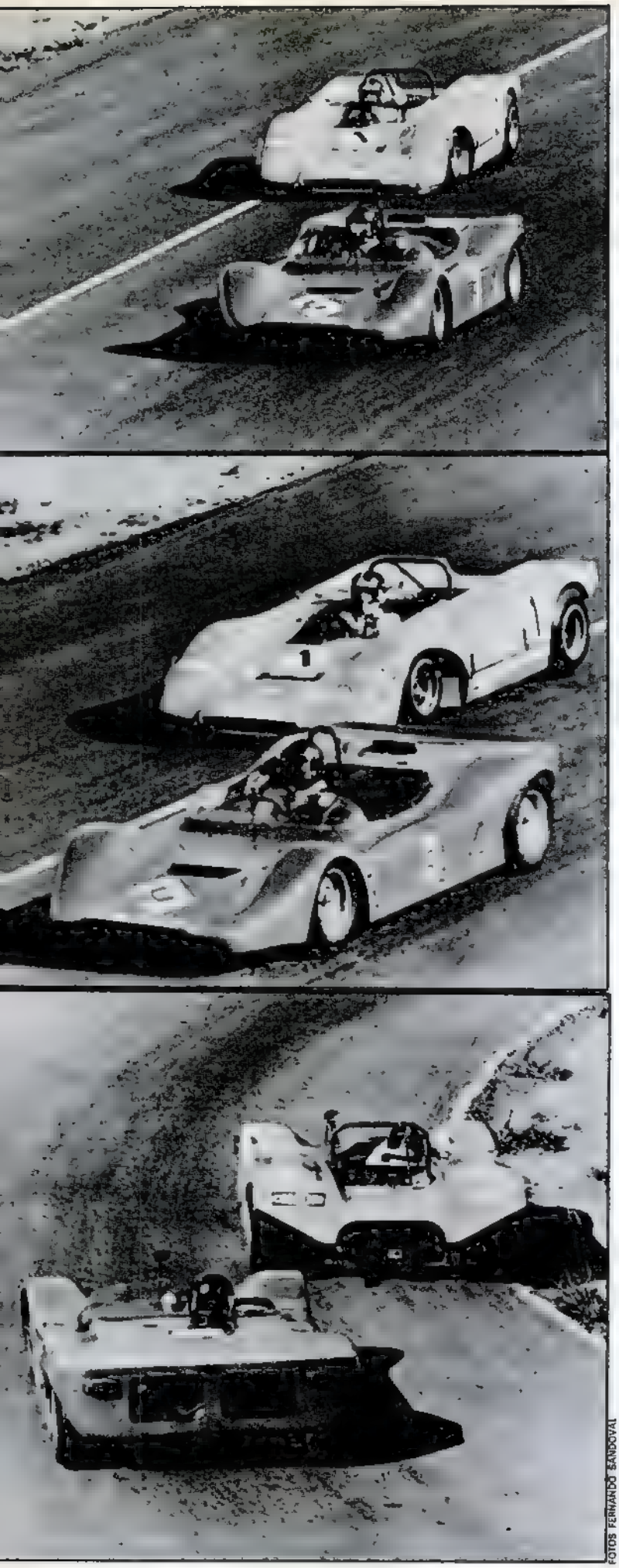


A bandeira dá o sinal e os carros partem. A Ferrari na frente, pneus cantando e soltando fumaça. Depois Wilsinho. O Porsche do príncipe passa por Emerson.

FÓRMULA 1, A LOUCURA FECHADA

No dia 10 de janeiro êle vai correr na Argentina. Volta para São Paulo, fica uns dias e retorna a Buenos Aires, onde, dia 24, corre com a Lotus-72 no Grande Prêmio da Argentina, representando a Lotus.

— Acho que ainda é cedo para esperar que eu me torne o primeiro. Fórmula 1 é diferente de tudo, uma loucura em que apenas 24 homens tomam parte. Tenho muito que aprender com êles ainda.



FOTOS FERNANDO SANDOVAL

Impressionante o ritmo de Emerson. Sempre igual, do começo ao fim. A Ferrari, os Porsches ou mesmo o protótipo Amato são passados da mesma forma: por dentro. Depois o passeio da vitória.

BALANÇO FINAL

Uma política complicada, suja, cheia de interêsses, esconde-se por trás do espetáculo bonito dos carros correndo. A imagem dessa política está nas palavras cansadas de Ângelo Juliano, quase quarenta anos de automobilismo:

— De cada dez pessoas que estão no automobilismo, nove são delinqüentes que querem viver às custas dêle e um está por engano. A salvação é gente nova, para mudar tudo.

A estrutura dessa política é igual à do futebol. Existe uma confederação ligada ao CND e, nos Estados, as federações e os clubes. E, como no futebol, as federações protegem uns, prejudicam outros. De repente, a Copa Brasil. Com ela a nova moda: promoções internacionais. E pronto, lá vêm corridas de F-2, de F-3, torneio internacional disso e daquilo. Todos querem trazer gente de fora, de fama. Não interessa que os nossos pilotos fiquem de lado, sem carros e sem possibilidades. Ronaldo Berger, Edson Yushikuma, que podem vir a ser os novos Emerson, por êles ninguém se interessa. A Copa Brasil, que poderia ser uma boa lição, torna-se uma péssima licão. Ou será que foi uma boa aula dada a maus alunos? Agora todos brigam por datas, para trazer gente e carros de fama Se der, haverá uma corrida assim por mês. Não importa que não haja público para isso. Importa é aparecer nos jornais e ganhar dinheiro. Seria um ótimo momento para fazer um bom calendário, planejar o futuro. No entanto, já se reclama de um calendário feito às pressas (ou nem feito) pela Federação Paulista. Um calendário que prevê para novembro e dezembro três corridas de F-2, as 1000 Milhas e ainda a Copa Brasil.

De qualquer modo, parece que os novos e velhos pilotos têm uma certeza: a confusão vai continuar, por uns tempos se farão promoções internacionais e depois tudo volta a ser como antes, sem se aproveitar nada, sem se chegar a nada. É uma pena. Parece que vamos viver só de Emerson.

Narciso James

Interlagos, terça-feira. Emerson ganha como campeão.

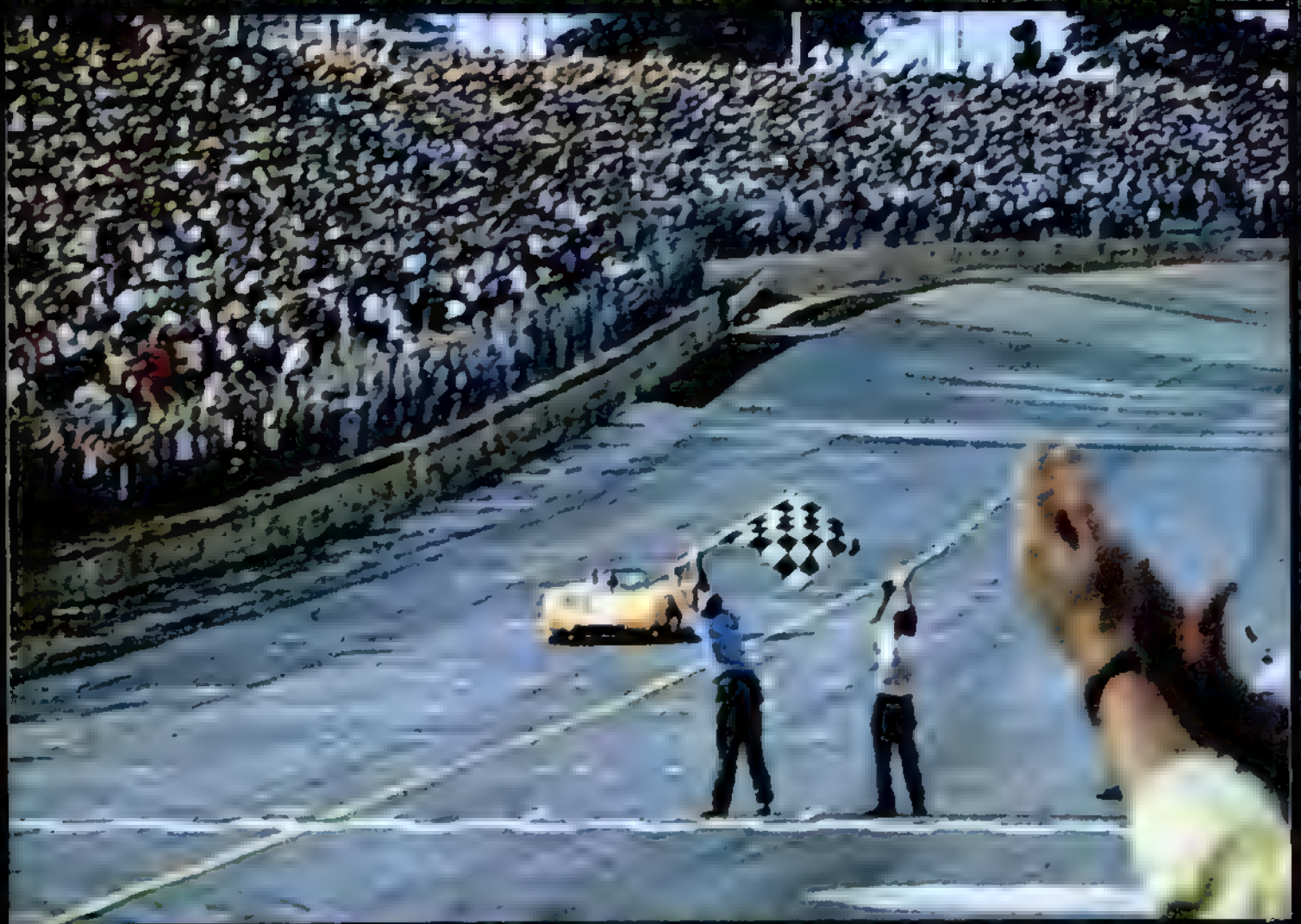


FOTO FERNANDO SANDOVAL

EMERSON DEU UM OLÉ

No final o italiano bufava de raiva. Coitado. Êle queria ganhar de Emerson.

É a setima volta e o italiano continua na frente. Todos estão de pé, gritando para ajudar Emerson. Interlagos está cheio de gente agitada, mais de 100 000 pessoas estão torcendo. Curva do Sol, Emerson encostado. Curva do "S", Emerson tenta passar mas não consegue. Pinheirinho, a Ferrari está freando para fazer a curva e Emerson aproveita, entra ao seu lado, por dentro. Um outro carro está na curva, Gian Moretti se atrapalha e quase deixa seu carro bater no de Emerson.

Emerson não sai do lado, Moretti vê a curva se aproximar e pisa no freio. É o suficiente para Emerson passar.

Todos pulam, gritam. Mais alguns segundos e os carros aparecem na frente do público. Mas a Ferrari é bem mais veloz, antes mesmo da linha quadriculada da chegada ela volta a ser a primeira. Mesmo assim, 100 000 pessoas gritam o nome de Emerson.

Oitava volta, está chegando o momento mais importante. Bem no meio da parte interna, na Curva do Sol, Emerson aproveita uma abertura pequena da Ferrari e passa por dentro, fazendo a curva numa velocidade alucinante. A distância dêle para a Ferrari vai aumentando nas outras curvas e é êle quem passa agora em primeiro.

É um delírio. A Ferrari procura aproveitar as retas para voltar à liderança. No fim do Retão está bem atrás de Emerson. Dá a impressão de que vai passar. Antes disso, chega a curva.

É sensacional, Emerson vai aumentando a diferença a cada curva. Ei-lo outra vez junto ao público. Mas agora êle bateu o seu próprio recorde oficial. Sua volta foi feita em 2'52"2/10.

A corrida vai chegando ao fim. A diferença é sempre a mesma. Mas de repente todos percebem Wilson se aproximando da Ferrari, procurando descontar o espaço e chegar em segundo lugar. O carro do português quebrou, o carro do argentino quebrou, o japonês corre sem embreagem e Wilsinho está se aproximando. Emerson está tranqüilo na frente. Agora êle é o primeiro na classificação geral também, com 21 pontos. Em segundo está o príncipe, com 20 pontos. Wilsinho precisa chegar na frente do italiano para ficar em terceiro.

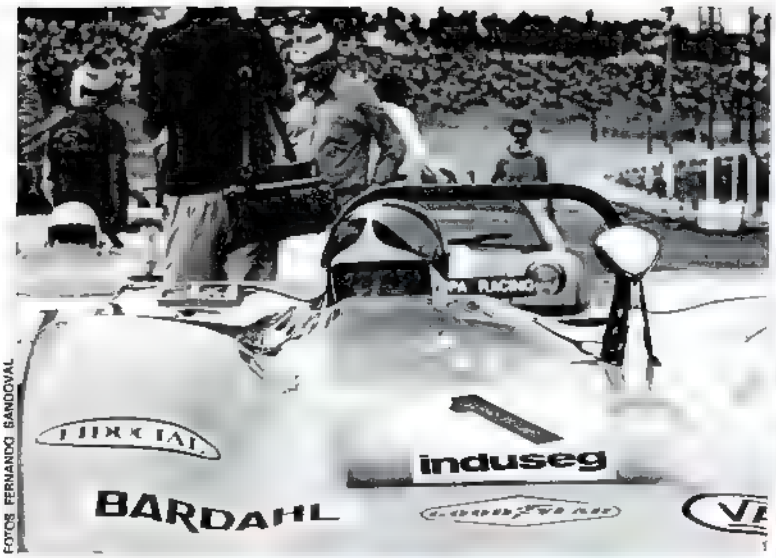
Todos torcem por êle, como fizeram para Emerson. Mas o carro está com um barulho esquisito. Na última volta êle está bem perto, quase conseguindo.

Perde por poucos segundos. Com isso, em terceiro, na classificação geral, fica Alex Soler-Roig, com 16 pontos, e êle fica em quarto, com 15 pontos. Moretti, que pela primeira vez conseguiu correr, e perdeu para Emerson, passa a ser o quinto na geral, com 7 pontos. Mas fica reclamando:

— O argentino quebrou o carro e continuou, jogando óleo por tôda a pista. Não deviam permitir isso. Meu carro é pesado, olha como ficaram minhas mãos (e mostra as mãos, feridas e com calos). Não fôsse isso e um Puma (o 73, de Chateaubriand) que me atrapalhou numa curva, eu teria vencido. Para o público o príncipe e seu Porsche deixaram de ser o vilão. Êste papel agora é da linda Ferrari vermelha, número 17, e seu pilôto italiano Moretti, que o público chama de Ringo, o explosivo.

Narciso James

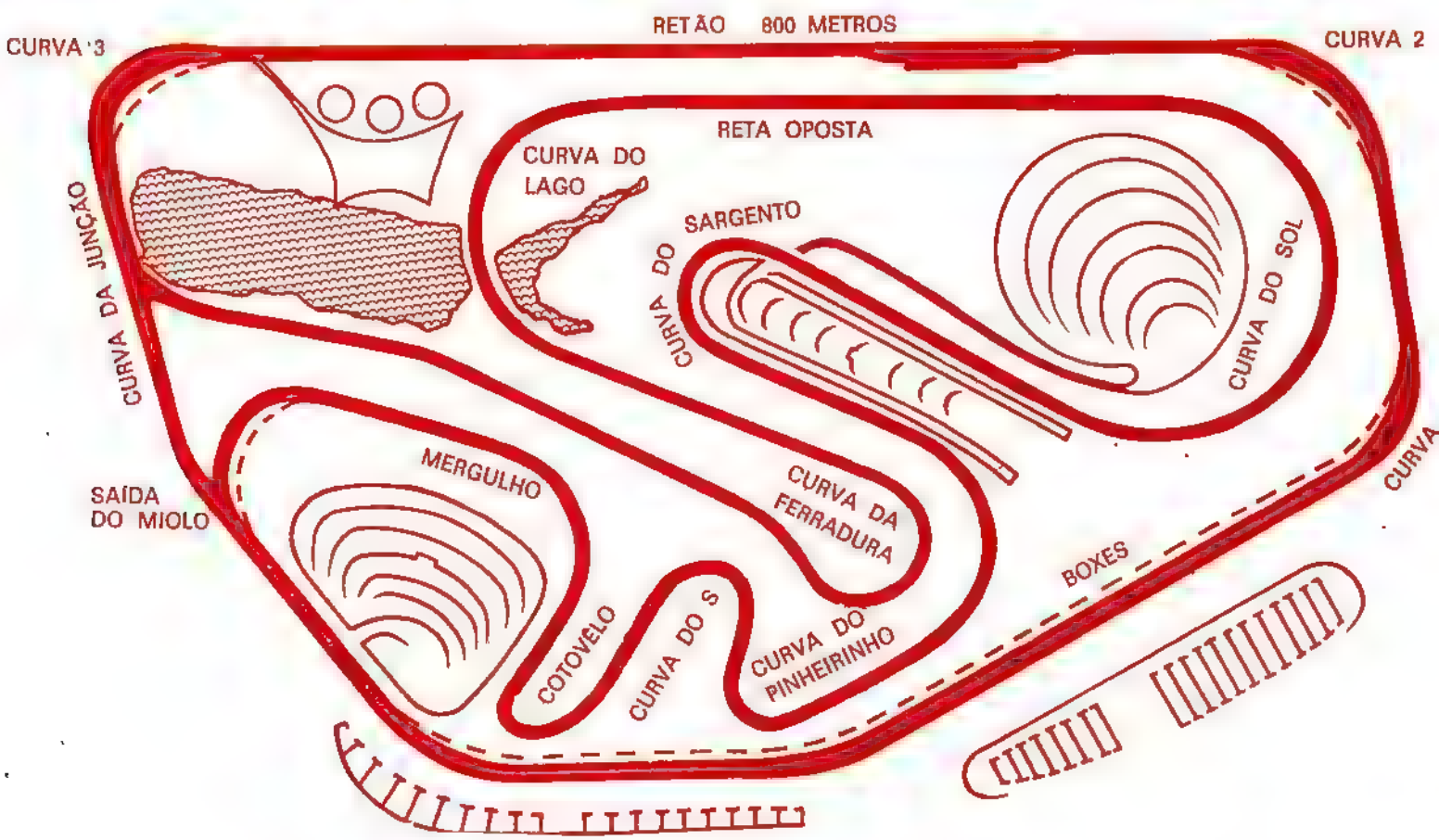
Material chroniony prawem autorskim



FOTOS FERNANDO SANDOVAL

Você sabe o que sente um homem correndo a 270 quilômetros por hora e enfrentando as curvas da pista de Interlagos? Ou já tentou imaginar o que pensa e o que faz um campeão como Emerson Fittipaldi dentro de uma Lola? Então acompanhe estas três páginas, sinta tôdas as emoções de uma corrida, aprenda a enfrentá-la, com Emerson, e conheça os segredos da Lola T-210.

ENTRE, CORRA COM EMERSON



Emerson prende o olhar nas setas, elas ind

Quem olha de perto para Emerson Fittipaldi pela primeira vez descobre logo que êle é um pilôto campeão, um homem destinado às vitórias, porque tudo nêle lembra velocidade, desde o jeito de andar, até mesmo o de falar.

Quem olha de perto para a Lola T-210 não percebe logo que aquêle carrinho bonito, perfeito até nos mínimos detalhes, pode rodar a 270 quilômetros por hora e fazer curvas a 210, com muita segurança.

E quem olha para Emerson sentado dentro do carro, pronto para sair quase voando por Interlagos, treinando para mais uma vitória, não calcula quantas emoções estão espalhadas à sua espera, naquelas curvas.

Mas agora prepare-se, sinta-se sentado dentro da Lola côr de laranja, ao lado de Emerson. Verifique o cinto que prende seus ombros e cintura, ajeite-se no banco. O carro vai sair em busca de emoções.

Não há trancos nas mudanças de marcha. A primeira, a segunda e a terceira feitas com o motor girando a 8 700 rotações por minuto. A curva *Um* é feita na quarta marcha mesmo. A grade de proteção (guard-rail) passa quase raspando ao lado direito do carro. Não há velocímetro, mas pelas rotações vê-se que a curva está sendo feita a 210 por hora.

Um inglês, Eric Broadley, dono da fábrica Lola Cars, foi quem desenhou esta T-210. Um desenho especial para as corridas do Campeonato Europeu de 2 000 cilindradas: modêlo Spyder (conversível, aberto), chassis monocoque em alumínio leve e resistente, carroçaria em fibra de vidro e alumínio.

A LOLA É PERFEITA

O carro tem dois lugares, mas, colocada a carroçaria, sobra espaço apenas para o pilôto.

Uma pequena reta separa a curva *Um* da *Dois*. É feita em quarta também, mantendo-se a velocidade. A caixa de mudança (câmbio) é Hewland, com cinco marchas para a frente. Sua relação (duração das marchas) é muito boa para um circuito como o de Interlagos. Emerson continua no lado direito da pista, começa a curva *Dois* na mesma velocidade.

— Eu costumo correr livre, aberto pela direita. Quando tem bôlo (vários carros juntos), eu pego a esquerda para evitar que me tomem (prejudiquem) a curva.

Logo no fim da curva Emerson coloca a quinta marcha, a rotação cai e depois sobe para 8 800 giros. O carro está a 270 quilômetros por hora. Os 800 metros do *Retão* acabam logo, mas antes da curva estão as placas, indicando que faltam 200, 150 e 100 metros. São avisos para frear o carro antes da curva *Três*.

— Quando estou na placa dos 150 metros, piso violentamente no freio e coloco a quarta, depois a terceira. Outra vez freio forte e entro na curva mais ou menos a 160 por hora. A Lola tem saído de traseira nesta curva.

A Lola tem na traseira (colocado sôbre uma espécie de subchassis), o conjunto motor-câmbio. O motor é Cosworth de 1 600 cilindradas, que foram aumentadas para 1 800. É um motor igual aos usados na Fórmula 2. Tem uma potência de 240 HP.

Na frente a Lola tem um radiador de água, que aproveita o ar que o carro recebe ao rodar. A suspensão é independente, também igual à dos carros monopostos da Fórmula 2.

Na saída da curva *Três* está a entrada para o miolo de Interlagos. Antes disso, Emerson muda para a quarta marcha e a curva da *Ferradura* começa a aparecer depressa. Quando está na hora de começar a fazê-la o carro está a 210 por hora.

— Freio, reduzo para terceira, depois para a segunda e a curva vai sendo feita quase de lado. A gente sai dela a 110 por hora.

Tudo neste carro de 490 quilos está adaptado especialmente para Emerson. Os pedais, os cintos de segurança, o banco, a direção e a alavanca de câmbio.

— Só o pedal de freio foi mudado de lugar três vêzes, até eu acertá-lo para mim. A alavanca de câmbio foi colocada direitinho onde cai minha mão direita, e o banco feito e colocado sob medida. Tudo isso faz a gente ganhar alguns segundos que podem dar uma vitória.

A CURVA, A 210

Depois de fazer a *Ferradura* o carro vai para a subida do lago e no caminho Emerson aumenta a velocidade ao ir mudando de marchas (a terceira, a quarta). Novamente terceira para a curva da subida do lago e na saída a quarta. Chegou a vez da reta oposta, feita a 210 por hora.

— Fazia dois anos que eu não pilotava protótipo, mas agora peguei a mão na Lola. No comêço, nos primeiros treinos e mesmo na primeira corrida, ainda estava estranhando um pouco.

A curva do *Sol* está no fim da reta oposta, é uma curva de velocidade, feita a 210 por hora. É a vez da curva do *Sargento*, em declive.

— Freio forte antes dela, onde o carro chega a quase 220 por hora. Reduzo para terceira e segunda e depois da curva o carro está a apenas 100 por hora.

Todos os movimentos de Emerson estão sendo filmados para publicidade.

Ao sair da curva do *Sargento* o carro começa a ganhar velocidade e nova mudança de marcha é feita, para terceira. Mais ou menos a 150 por hora, em terceira, é feita a curva da *Laranja* e ainda em terceira o carro se aproxima do *S*.

— Chego ao *S* mais ou menos a 160/170, vou reduzindo, coloco a segunda, piso no freio, faço a curva a uns 80 e continuo assim até o *Pinheirinho*.

Na primeira curva do *S* o carro entra de lado, os pneus chegam a cantar. São pneus especiais. Na frente Emerson usa o 5.90/13.80, aro 13 de 14 polegadas de largura. Atrás a medida é 4.80/10.20, aro 13, de 10 polegadas de largura.

A concepção desta Lola T-210 causou uma mudança enorme no Campeonato Europeu de 2 000 cilindradas. Os favoritos eram os Abarth e os Chevron, com motores Mazda rotativos e motores Cosworth. Agora a Chevron está construindo um carro parecido, baseado no mesmo desenho de chassis e no nôvo tipo de suspensão.

O carro sai do *Pinheirinho* e Emerson coloca a terceira, para reduzir outra vez para a segunda no *Cotovêlo*. É a curva que menos velocidade permite. A Lola sai dela a 75 por hora.

Na rua Emerson não corre nem a isso, dificilmente passa dos 50. Mas já houve tempo em que êle corria: quando foi convidado para ser pilôto da Willys, muitas vêzes a caminho dos treinos brincava de "cavalo-de-pau" (fazer o carro derrapar e virar ao contrário) na avenida vazia do caminho de Interlagos.

Depois disso muita coisa aconteceu para Emerson. A Europa, o sacrifício de ficar sem dormir.

SABE DAS COISA

Emerson não se precipi nunca. Sabe a hora de es car, de frear ou reduzir, c mo poucos no mundo. S ja na Lola ou Fórmula

cam que ē a hora do perigo

dirigir caminhão e passar dias e dias procurando carro para poder correr na Fórmula Ford. Depois a fama.

O MERGULHO, A 160

Antes disso êle conheceu sua atual espôsa em Congonhas. Os dois iam viajar para a Europa, no mesmo avião. Menos de um mês depois se casavam. Ela acompanha Emerson em tôdas as partes do mundo. Estava com êle em Watkins Glenn, nos Estados Unidos, quando êle ganhou pela primeira vez uma corrida da Fórmula 1, e ganhou ainda um quinto lugar.

Um quinto lugar dado pelos repórteres da Associated Press aos principais fatos esportivos do ano. O primeiro foi o Brasil ganhar a Copa do Mundo, o segundo foi a vitória do argentino Monzon sôbre Nino Benvenutti, o terceiro foi Pelé ter sido escolhido o esportista do ano, o quarto foi a volta de Cassius Clay e depois a vitória de Emerson, um nôvo Juan Manuel Fangio.

Êste futuro campeão do mundo está agora dentro de uma Lola T-210, laranja, colocando a terceira marcha. Êle acabou de fazer o *Cotovêlo* e vai começar o *Mergulho*.

— Entro a 120, em terceira, e saio da curva a 160. Ponho quarta na saída do miolo, um pouco antes. Ao começar a curva para sair do miolo e começar a subida do boxe, reduzo e faço a curva a 130 por hora, na terceira.

A subida do boxe é feita a 130, no seu término a velocidade aumenta com a quarta marcha e aparece a reta de chegada, com o público do lado direito do carro e o boxe do lado esquerdo. É preciso, numa corrida, prestar atenção aos sinais dados pelo boxe, que podem mostrar quanto tempo falta, se o carro deve parar, quantas voltas foram dadas. E prestar sempre atenção à sinalização dos fiscais da corrida.

AQUI TAMBÉM TEM GOL

Sempre que a Lola laranja aparece na frente do público todos se levantam e batem palmas. A reação do público é sempre a mesma de um torcedor do futebol, quando seu time está no ataque e seu atacante predileto driblou o zagueiro e vai chutar em gol.

Cada vez que Emerson passa um adversário (nesta Copa pode ser o príncipe ou o italiano e sua Ferrari) a torcida pula e grita. Isso sim, é o gol.

O público está de pé, Emerson está passando.

— Cem metros antes da chegada eu coloco a quinta, vou assim até a curva *Um*, toco no freio, ponho quarta e faço a curva.

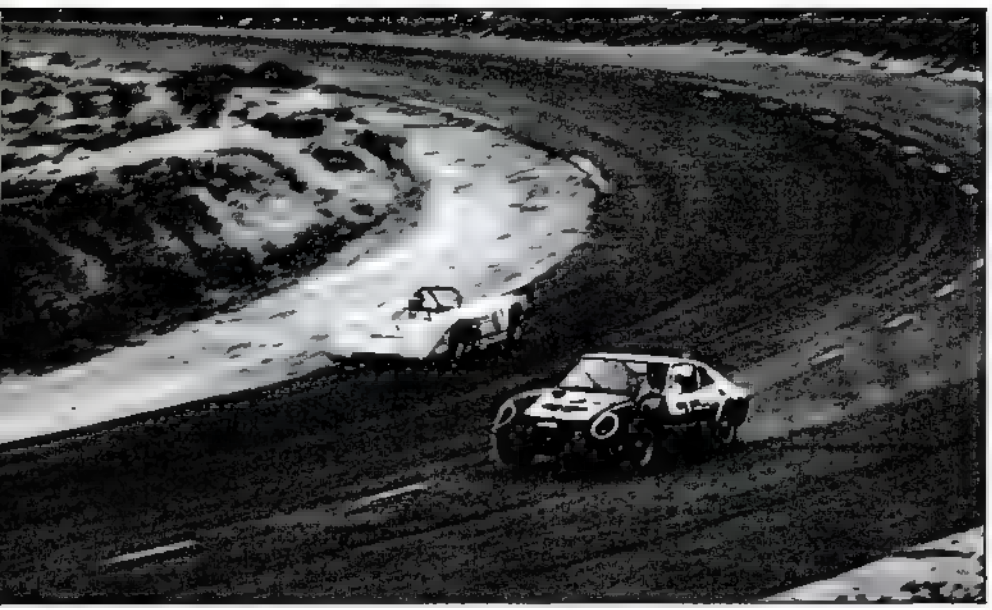
A Lola Cars só concordou em mandar a Lola T-210 para o Brasil ao saber que Emerson Fittipaldi seria seu pilôto. Com isso, havia no seu dono, Eric Broadley, uma quase certeza de que a Ferrari 512-S, os Porsche 907 e 908 seriam derrotados. Emerson era esta garantia.

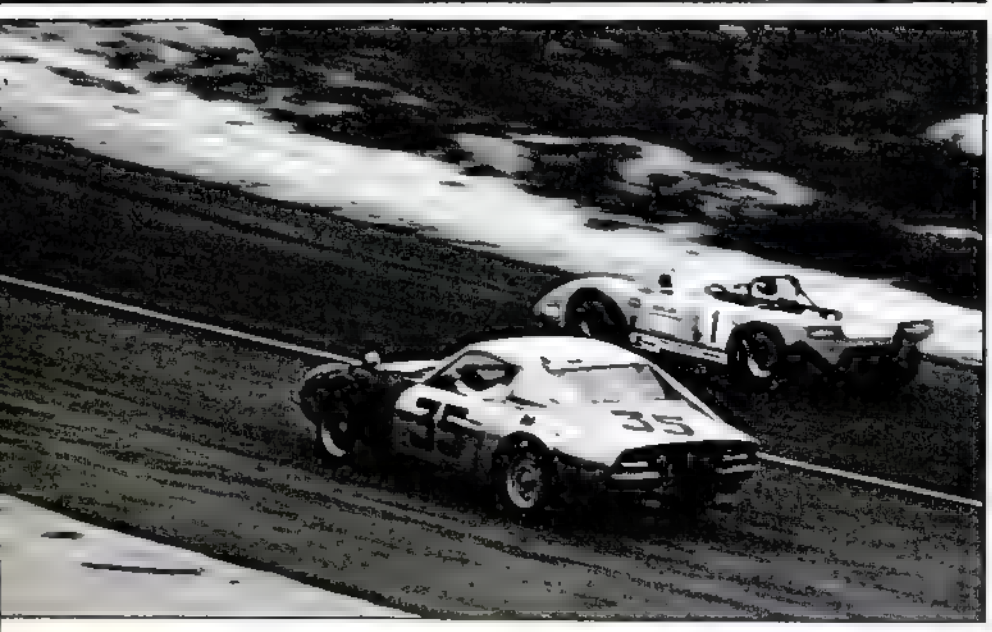
Emerson fêz a curva *Um* e agora está outra vez na curva *Dois*, no fim dela, entrando no *Retão*.

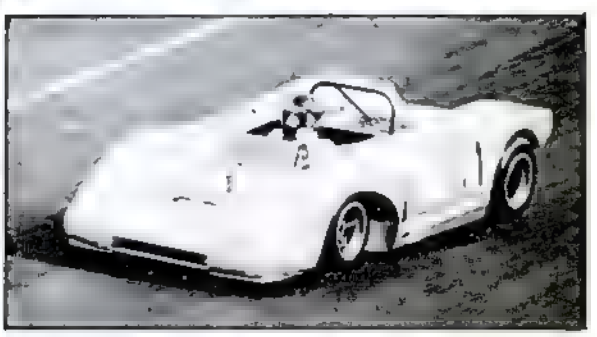
— Saio da *Dois*, coloco a quinta e o carro começa a correr a 270. Nesta velocidade a gente não pode pensar em nada, a não ser na placa dos 150 metros e na freada para fazer a curva *Três*. Não se pode perder um segundo.

No *Retão*, a 270, Emerson está correndo para um título que ainda pode demorar um ou dois anos, e é tão certo quanto podemos considerar o Brasil tricampeão de futebol.

Narciso James







A VITÓRIA É UMA ROTINA

O carro de Emerson não é o mais potente da Copa Brasil. A Ferrari de Moretti tem o dôbro da potência da sua Lola. Mas Emerson tem técnica, coragem, sangue frio e pulso firme. O resultado é uma carreira de vitórias nas pistas do mundo.

camisa 12

LEMBRAMOS SIM: AQUI ESTÁ ÊLE

Será que o **Placar** ainda não se lembrou de Luís Carlos (foto) para um poster? Êle é um verdadeiro pão. **Ana Lúcia Dias**, Itanhaém, SP.
O único jogador que a gente pode chamar de pão é o Didi, do querido Fluminense. Êle, sim, é que é homão. O lustrich, perto dêle, não passa de um homenzinho. **Thaisa Rodrigues**, Rio, GB.
Não importa se êle usa os calções escorregando pernas abaixo. Gérson é jogador, não manequim. Êle é do tipo ame-o ou deixe-o. Eu prefiro amá-lo. **Jeanette Gouvêa**, Londrina, PR.
Vocês já observaram (confessamos que não) as pernas do Leão? São de parar o trânsito da Avenida Atlântica, às 6 da tarde. Talvez êste seja um dos segredos da invencibilidade do gol palmeirense. **Eu de Moraes**, Curitiba, PR.
A Sônia Regina Cantisano disse que "êste negócio de achar feio o Rivelino e o Ado bonito já lhe está enchendo". Ela está é precisando de uns bons óculos, **Iara Rios**, São Paulo, SP.
Por que vocês não publicam uma foto bem bacana de nosso campeão, o Emerson Fittipaldi? **Maria Regina Maia**, Brasília, DF.
Tem gente que vai aos estádios apenas para ver a beleza dêste ou daquele jogador. Por que os clubes não promovem logo um desfile de beleza? **Elioni Radunz**, Três de Maio, RS.

E OS GAÚCHOS?

Pela quantidade de cavalos amarrados nas portas dos estádios gaúchos, calcula-se que as rendas do Robertão foram ótimas. **Maria Antunes**, Belo Horizonte, MG.
Alô, colorados e rubro-negros, vocês não contavam com o Cruza, hem? Agora, o jeito é se consolarem mùtuamente. **Ricardo Passos**, Araguari, MG.
Todo gaúcho nasce com três paixões: 1) não ter nascido avião da Varig; 2) não ter nascido cavalo; 3) não ter nascido em Santa Catarina. **Aloísio Cunha**, Santo Amaro da Imperatriz, SC.
Só um cara lelé da cuca ou analfabeto pode dizer que a população de Santa Catarina (quase 3 milhões) cabe inteirinha dentro de um estádio. A não ser que êste estádio exista dentro de Erechim. **João Dionísio Marcos**, Criciúma, SC.
Alô, gauchada, aquêle abraço de Cruzeiro e Atlético, finalistas da Taça. Onde estão os representantes de vocês? **Aloísio da Silva**, Nanuque, MG.
Êste Robertão comprovou duas coisas: os gaúchos são bons de bóia e os mineiros, de bola. **Rafael da Silva**, Mantena, MG.

ESTÃO AQUI

O América êste ano teve sorte. No jôgo contra o Grêmio ninguém apagou as luzes. Também pudera, o jôgo foi de dia. **Marco Antônio Vila**, Santo André, SP.
Por que o Grêmio não se classificou? Pelas más atuações dos juízes e bandeirinhas. **Ana Maria Sauchalbeert, Maria Lúcia Magni, Ricardo Sauchalbeert, Paulo Calcapietro e Ana Lúcia Grechi**, Pôrto Alegre, RS.

AQUI TAMBÉM

O Inter é o único clube que venceu os quatro classificados do Robertão. Começou jogando água no Pó-de-Arroz, depois trucidou a Raposa, a seguir depenou o Periquito e, finalmente, transformou o Galo em Galinha. **José Luis Rosseti**, Belém, PA.
Se Pelé, Silva, Vagunho e Pedro Rocha não conseguiram dobrar o Reyes, por que o grosso do Claudiomiro, acostumado a jogar com bexiga de boi em pasto de cavalo, iria conseguir? **Antônio Carlos Aguiar**, Niterói, RJ.

TCHAU, VASCÃO

O Vasco perdeu no Paraná, foi derrotado no sul, levou um olé em Minas, nada fêz na Guanabara e perdeu a cuca em São Paulo. O Vasco só dá dor de cabeça, **Jeovane Dantas**, Currais Novos, RN.
Faleceu no dia 6 de dezembro, no Estádio do Maracanã, o Sr. Vasquinho, casado com a Senhora Derrota, deixando às gerações futuras apenas uma honra: ser o primeiro do Rio e o último do Brasil. **Jairo dos Reis**, Oriente, SP.
Se o Vasco foi campeão carioca, o que dizer dos demais times do Rio? São todos muito ruins. **Antonino Duarte**, Recife, PE.
Por que as bôbas diretorias de São Paulo e Vasco não vão cantar em outra freguesia? Não basta todo o mal que já fizeram? **Benedito Delgado**, São Jerônimo da Serra, PR.

CONTRA CAMPEÕES

O futebol carioca tem que melhorar 100% para chegar a ser 50% do futebol paulista. Por enquanto o futebol carioca está na idade da pedra. **David Francesconi**, Santo André, SP.
Se dor-de-cotovêlo fôsse flor, os cariocas viveriam num imenso jardim. **Carlos Alberto Henrietti**, São Paulo, SP.
Joves Carvalho, Afrânio Martins, Carlos Alberto, Jeovane Dantas, Mário Portes e Heleno Nogueira pensam que o futebol carioca é bom, mas estão enganados e com inveja dos paulistas. O futebol carioca só envergonha o futebol tricampeão. **Jorge Demétrio**, Santos, SP.
Será que ainda existe algum carioca idiota capaz de dizer que o futebol dêles é melhor do que o nosso? **Rita de Cássia**, São Paulo, SP.

E SE FÔSSE BOM?

O Fluminense pode ser um bom time, um dos melhores do Brasil. Mas tem um autêntico perna-de-pau, o Flávio. **Edwaldo de Sousa**, Nova Cruz, RN.
Torço para o Flamengo e odeio quem torce para o Fluminense. **Gervásio Morais**, Floriano, PI.

PORTUNHOL?

Me di cuenta por medio de un amigo de aquí mismo que en su revista publican endereços y quisiera me publiquen el mio, pues gostaria corresponderme con chicas de todo Brasil, de 15 a 19 años, que comprendan el idioma español, o ingles. Tambien puedo contestarle en su idioma. **Alfonso Carrillo Preciado**, Mezquitan 440, Guadalajara, Jalisco, México.
Pela carta de Alfonso (transcrita ipsis literis), vê-se que êle está muito por dentro do portunhol.

LUZIANO E PELÉ

Alô, santistas, não se esqueçam de que o Vasco goleou o Santos de 5. Pelé, Clodoaldo, Carlos Alberto, entrou tudo pelo cano. **Sérgio Silveira**, Palhoça, SC.
Sou o jogador que o Santos precisa para jogar ao lado de Pelé, fazendo os gols que o time já não faz. **Luziano do Carmo**, Rua Onze, 229, Anápolis, GO.

GOIÁS NÃO EXISTE

Em Mato Grosso existe futebol, sim. Só que o campo tem capim com quase 1 metro de altura, onde se escondem muitas feras. Por isso os times jogam armados de espingardas e facões e, com o transcorrer do jôgo, vale tudo. **Jorge Aldar**, Anápolis, GO.
Peço que os mato-grossenses tenham um pouco mais de autocrítica e não comparem mais o seu futebol com o de Goiás, que é infinitamente melhor. **Rubens Raul**, Goiânia, GO.

SAI PRA LÁ, CHE

Os gaúchos, em tôdas as disputas realizadas no centro do país, foram e serão sempre esbulhados, roubados e marginalizados, pois a imprensa procura dar ao povo a falsa impressão de que os gaúchos estão por baixo, são provincianos e outras tolices. **Agostinho Facchini**, Carlos Barbosa, RS.
Francamente, Agostinho, que culpa temos nós de o Grêmio não se classificar? Você acha de descarregar a sua frustração logo em cima de nós? Esse não.

ESTAMOS COM A MARIA LÚCIA

Depois da pixotada do Carlos Bisson, que disse que Tostão é perna-de-pau, nós, mulheres, temos o direito de dizer bobagens, e das grossas, durante dez anos. **Maria Lúcia Matos**, Salvador, BA.
Mulher, pra entender de futebol, tem que ser colorada. **Otávio Penna e Gustavo Penna**, Rio Grande, RS.
Venho comunicar a fundação da Associação Contra as Mulheres nos Estádios (ACME). Os companheiros de luta que apoiarem minha idéia, escrevam. **Vânia Magalhães**, Petrópolis, RJ.
Os que dizem que as mulheres não entendem de futebol não entendem as mulheres. **Lígia Regina Melo**, Rio, GB.
Quero informar a certas bêstas que, se lugar de mulher é na cozinha, lugar de maluco é no hospício. Gostaria de me corresponder com as garôtas quentes de **Placar**. **Francisco Ribeiro**, Rua das Papoulas, 353, Pouso Alegre, MG.
O tal do Carlos Cipriano precisa saber que feijão com arroz é um prato muito saboroso. Ou será que êle prefere capim? **Nelde Ortêncio**, Diadema, SP.

MAS ÊSSE GOSTA

A Fátima, uma sensacional garôta do Rio Grande do Norte, escreveu-me pedindo para trocar cartas. Acontece que ela esqueceu de mandar seu endereço. Será que a **Camisa 12** dá êste recado para ela? **Augusto César**, São Paulo, SP.
Se Cupido não estivesse contratado pela "Nova Ilusão" nós comprávamos seu passe para Placar.

ASSIM NÃO

Quem diz que o futebol goiano só tem pernas-de-pau é lelé da cuca ou está por fora do que é futebol. Bons são os gaúchos, paulistas e goianos. **Rita de Cássia**, São Paulo, SP.
O time do **Placar** pode ser dos piores do Brasil, mas, se fôr disputar o Campeonato Goiano, pode fazer as faixas de campeão. Será campeão invicto. **Mário Rabelo**, Campo Grande, MT.

bola dividida

Ao ganhar o Robertão o Fluminense conquistou um título maior: o de campeão do Brasil. Pelo menos é como tal que êle jogará a Copa Libertadores da América.

TIME DO FLU É O MELHOR DO BRASIL?

NÃO

Mauro Pinheiro, comentarista da Rádio Bandeirantes, árias vêzes premiado.

Eu não acho. O título foi justo, mas o Fluminense chegou lá por sua organização, por sua r ter tudo no seu , por ter o único e verdade. Quan- apenas joga cer- operários dentro que cumprem as bidas e os esque- s. O Palmeiras foi ime. É o melhor e só perdeu o Ro- ue andou acovar- determinadas oca- ói lá quando estava e ganhou, mas devia antes. O Flu joga para r, como um bloco. É ime pobre em têrmos de culo. Tem equilíbrio, ojacões ou pernas-de- s está abaixo do Pal- Cruzeiro e Santos.

SIM

Teixeira Heizer é repórter de Placar e comentarista da Televisão Tupi.

É claro que o Fluminense é o melhor time do Brasil, por algumas razões que considero fundavencendo o Roreúne a elite do leiro), o Flumiocou como prianking nacional; dois anos o Flumiera o futebol carioca, a regularidade imconte: no ano passado Taça Guanabara e o Campeonato, foi o vicecampeão dêste ano nos dois certames; 3 — jogadores certos — Félix, Assis, Denílson e Flávio — para o corredor central, onde se ganha jôgo; 4 — reservas à altura; 5 — excelente organização.

NÃO

Duque, 39 anos, técnico do Santa Cruz, foi juvenil e titular do Fluminense.

Ninguém de bom senso pode menosprezar um campeão. Digo isso para não ser mal interpretado. Mas, para mim, o Flamengo foi o melhor time do Robertão: jogou certinho o futebol-competição. Deu azar em alguns jogos e, por isso, ficou fora das finais. O Fluminense teve sorte — e ganhou.

NÃO

Antônio Euclides Teixeira, o Tim, é o editor de esportes da revista "Veja".

Na revista "Veja" abri minha matéria assim: "O Fluminense não é o melhor time do Brasil". Há duas formas de se definir um grande time: aquêle que tem grandes jogadores e aquêle que tem um grande entendimento. O Fluminense está no segundo grupo, não tem grandes jogadores. Uma prova disso é que, mesmo ganhando o Robertão, só tem dois jogadores na Seleção. A grandeza do Fluminense está na sua organização. Nesse ponto o Fluminense está muito à frente dos demais clubes brasileiros. É o primeiro e único clube a praticar o verdadeiro profissionalismo.

NÃO

Leônidas da Silva, comentarista da Jovem Pan, foi um de nossos maiores atacantes.

Não. Em valôres, não. Como equipe pode ser comparado aos melhores do Brasil. Se analisarmos individualmente o time do Fluminense, êle perderá para muitos outros times: Cruzeiro, Santos e até Palmeiras. Mas no Robertão o Fluminense mostrou uma vantagem: tem conjunto — e isso é muito importante. Foi um time regular, coisa necessária num torneio tão duro como a Taça de Prata, na qual quem perde muitos pontos seguidos sente dificuldades intransponíveis. A defesa do Fluminense é boa, sóbria e segura. O ataque não é dos melhores, mas mostrou que sabe aproveitar as oportunidades que cria. Tanto que tem um dos artilheiros do Robertão.

NÃO

João Saldanha é o mais popular comentarista do futebol carioca.

Não. Quando muito é um dos principais. Se a gente vê a classificação verdadeira, o Palmeiras fêz mais pontos e o Cruzeiro mais gols. Não se pode falar que a organização ganhou o torneio. Bota a organização do Fluminense no São Cristóvão pra ver se ganha. Melhor é culpar o Fio. Se êle tivesse feito aquêle gol contra o Corintians o Fluminense nem mesmo se classificava.

20 ANOS 1950 1970 EDITORA ABRIL

Editor e Diretor: VICTOR CIVITA

Diretores: Edgard de Silvio Faria, Gordiano Rossi, Richard Civita, Roberto Civita
Diretor Editorial: Luis Carta
Conselho Editorial: Edgard de Silvio Faria, Hermani Donato, Luis Carta, Mino Carta, Odylo Costa, filho, Pompeu de Sousa, Roberto Civita, Victor Civita

PLACAR

Diretor: Claudio de Souza
Redator-Chefe: Milton Temer
Secretário de Redação: Dante Mattiussi
Redatores e repórteres: Hadyl Valle Júnior, José Maria de Aquino, Michel Laurence, Marco Aurélio Guimarães, Narciso James, Paulo Mattiussi, Ramon Garcia y Garcia
Arte: Jean-Michel Gauvin (chefe), Afonso Luiz Grandjean Pinto
Fotógrafos: Lemyr Martins, Sebastião Marinho
Coordenador da Redação: Djalma Nery Ferreira Filho
Colaboradores: Otávio, Henfil, Almará Moreira (consultor técnico), Pio Pinheiro, Silvio José Macedo, Giovanni Bertolini, Manoel Motta
Correspondentes: Nicolau Libório dos Santos Filho, (Manaus), Moacir Calandrini (Belém), Francisco M. Oliveira Nunes (Fortaleza), Fernando Linhares (Florianópolis)

Escritórios Regionais
Rio: Aristélio Andrade (coordenador), José Fausto Neto, Teixeira Heizer (repórteres), Fernando Pimentel (fotógrafo)
Brasília: Pompeu de Souza (diretor), Luis Gutemberg (chefe de redação), Evandro Paranaguá, J. Carlos Bardawil (repórteres)
Recife: Renan S. Miranda (chefe de redação), Franklin Campos, Marcelo Pontes, Paulo Sotero (repórteres), Clodomir Bezerra (fotógrafo)
Belo Horizonte: Alberico Souza Cruz (chefe), Arthur Ferreira, Célio Apolinário (colaboradores)
Curitiba: Carlos Roberto Maranhão, Sérgio Sade, Flávio Ogasawara (colaboradores)
Pôrto Alegre: Paulo Totti (chefe), Gilberto Pauletti (repórter), Assis Hoffmann (fotógrafo), Divino Fonseca (colaborador)
Salvador: Carlos Libório (colaborador)
Nova York: Luiz Garcia
Correspondentes: Alessandro Porro (Paris), Oriel Pereira do Valle (Londres), Ezio Vitale (Roma), Hiroto Yoshioka (Tóquio)

Serviços Editoriais
Diretor: Roger Karman
Documentação: Antônio Zago, Carmen Craidy, Dilico Covizzi, Irede A. Cardoso, João Guizzo, José Carlos Kfouri, Maria Regina Pennoti, Ubirajara Forte
Serviços Fotográficos: Francisco Albuquerque (gerente), Jussi Lehto (supervisor), João Carlos Alvarez, Jorge Butsuem, Eugenio de Oliveira (fotógrafos), Otilia Silva Pontes (produtora)
Cartografia: Francisco Beltrão
Abril Press: Samuel Dirceu (gerente)

Departamento Comercial
Diretor: Paulo Augusto de Almeida
Gerente de Mercado e Planejamento: Ivo de Miranda Reis
Gerente de Publicidade, Rio: Ricardo Tadei
Representantes: São Paulo: J. Luis Decourt Ricci / Rio: José Alberto Serra / Pôrto Alegre: Rubens Molino (gerente) e Elcenho Engel / Belo Horizonte: Sérgio Pôrto / Curitiba: Edison Helm / Recife: Antônio Lyra Filho
Diretor de Publicidade: Oscar Colucci
Diretor de Publicidade, Rio: Sebastião Martins
Diretor de Publicidade Internacional: L. Silyk
Diretor de Relações Públicas: Hermani Donato
Diretor, Rio: André Baccah
Gerente, Brasília: L. Edgard Tostes

Diretor de Produção: Arno Langer
Assessor do Dir. Responsável: A. Daunt Coelho

Diretor Responsável: Edgard de Silvio Faria

PLACAR é publicada pela Editôra Abril Ltda. / Redação: Av. Otaviano Alves de Lima, 800, tels.: 266-8011 e 266-0022 / Publicidade: R. Augusta, 1346, tel.: 81-1888, caixa postal 2372 / Administração: R. Emílio Goeldi, 575, tel.: 85-2194, caixa postal 2372, telex 021-503, São Paulo / Telex em Nova York: Editor 422-053 / Sucursais: Rio de Janeiro: Rua do Passeio, 62 8º andar, tel.: 222-4543, caixa postal 2372 / Brasília: Edifício Central, salas 1201/2, 1301/7, Setor Comercial Sul, tels.: 43-6808, 43-6823 e 43-6866, telex 041-254, telegramas: Vejabri / Belo Horizonte: R. Espírito Santo, 488, conjs. 707/8, Edifício Hércules, tel.: 22-3728, telex 037-224, telegramas: Vejabri / Pôrto Alegre: Av. Otávio Rocha, 115, salas 507/11, tels.: 24-4778 e 24-8225, telegramas: Interabril / Recife: Rua da Concórdia, 153, conjs. 803/3, tel.: 4-4897, telegramas: Vejabril / Preços de exemplar avulso: o constante no corpo. Preços de assinatura: o mesmo do exemplar avulso, mais o frete registrado da superfície ou aéreo, multiplicado pelo número de edições do período desejado (máximo de um ano; mínimo de seis meses) / Ninguém está credenciado a angariar assinaturas se não procurado por alguém. Denuncie-o às autoridades locais / Números atrasados: ao preço de última edição em banca, por intermédio de seu jornaleiro ou no distribuidor Abril de sua cidade. Em São Paulo: R. Brigadeiro Tobias, 772; no Rio de Janeiro: R. Sacadura Cabral, 141. Pedidos pelo correio: caixa postal 945, São Paulo / Temos em estoque só as últimas seis edições / Todos os direitos reservados / Impressa e distribuída com exclusividade no país pela Abril S.A. Cultural e Industrial, São Paulo.

As opiniões dos artigos assinados não são necessàriamente as da revista, podendo ser contrárias a estas. PLACAR não admite publicidade redacional.

Material chumbony prawem autorskim

FÔRÇA, FILHO

O Lázaro de Andrade já começou a nadar para a Europa. Entrevistado em pleno Atlântico, disse: "Espero chegar à Alemanha em maio de 74, antes da Copa". Os repórteres comentaram: "Se nenhum tubarão comer a pança dêle, cheia de Mingau-70". **Antônio Cavaliere**, New York, USA.

ASSIM É O FOGO

Placar jamais perseguiria um clube. É que a torcida sofrenilda (botafoguense) não arruma desculpas para as derrotas de seu clube, **Antônio Silveira**, Pôrto Alegre, RS.

Time que tem Rogério, Roberto, Jair, Paulo César e o experiente técnico Paulinho não precisa de mais nada. **Roberto Andere**, Varginha, MG.

Quer dizer que o Zagalo, bicampeão carioca, bicampeão da Taça Guanabara, campeão do mundo, é que estava atrapalhando o time?

Os que acham que **Placar** fala mal do Botafogo estão enganados. O Botafogo é um dos piores times do Brasil e sua torcida é a mais chata do mundo. **Celso Barbosa Lima**, Belo Horizonte, MG.

O meu Botafogo deu show, vencendo Corintians e São Paulo, fregueses de caderno. Vocês de **Placar** precisam saber disso. **Augusto Amaro**, Rio GB.

Parece que os dois jogos foram realizados no Pacaembu. Ou você se refere a outros jogos?

Vocês falam muito mal do Botafogo, mas êle não perdeu para nenhum time paulista. **Danilo Lichtenberg**, Camboriú, SC.

Se o Botafogo não estivesse em crise durante o Robertão, as coisas seriam diferentes. Não haveria time que o derrotasse. **José Anito de Matos**, Currais ...os, RN.

... que enfim, um botafoguense não nos culpa pelas derrotas do Botafogo.

...A TRAVE SÓ?

O futebol do Amazonas é tão ruim que, num jôgo do Nacional com o Rio Negro, só no segundo tempo é que o juiz notou que o campo só tinha uma baliza. **Flávio Arruda**, Pôrto Velho, Rondônia.

FROM THE USA

Vocês não vêem que o Iustrich não pode sair do Mengão? Quem tirou o Mengo do buraco? A diretoria? Vocês não vêem que o 1 a 0 sôbre o Galo foi uma prova da fôrça de Iustrich? **Davi Silva**, Nova York, USA.

UNIÃO À FÔRÇA

Sou Botafogo e, como sei que nossa torcida é injustiçada, resolvi criar uma associação dos torcedores botafoguenses. Escrevam-me. **Antônio Lima**, SQS 406, Bloco T, ap. 106, Brasília, DF.

TÁ LEGAL

Eu acho que vocês estão mesmo magoados com o Botafogo ou então são uns fofoqueiros da pesada, daqueles de encher qualquer saco. Até Cristo diria que nem mesmo tôda verdade deve ser dita. **Pedrinho Mutt**, Videira, SC.

Então calamos.

FALA O NORDESTE

Gostaria de saber se os cabeçaschatas dos nordestinos conseguiram vencer algum time mineiro neste Robertão. **Paulo Soares**, Patos de Minas, MG.

O Botafogo é muito gentil. Terminou o Robertão com uma chuva de gols em cima do pobre Bahia. **Luís de Matos**, Currais Novos, RN.

ZANATA, PAULISTA

Todos os jogadores do futebol paulista juntos não valem o futebol de Zanata. **Francisco Sousa**, Água Branca, PI.

NÃO SONHE TANTO

Rivelino, no Corintians, é o Reizinho. Mas se êle tivesse a felicidade de jogar no Santos seria o Imperador. **Antônio Carlos Menezes**, Salvador, BA.

LEITOR LANÇA A CARTOLA DE LATA

Vocês fizeram a **Bola de Prata** para os jogadores. Eu fiz a **Cartola de Lata** para os dirigentes. Aí vai minha seleção: Otávio Pinto Guimarães; Cármine Furletti, Wadi Helu, Gérson Coutinho e Antônio do Passo; Laudo Natel e Osman Ribeiro; Djalma Nogueira, Athiê Jorge Curi, Xisto Toniato e Jean-Marie Godfrois D'Havelange. O craque, com média máxima (0) foi o açougueiro Zeferino Toniato. **André Luís de Melo**, Rio, GB.

POSSO HELP YOU?

Coitados dos cri-cris botafoguenses. Com seus campeões mundiais, estão à beira da falência. O Mengão fará um amistoso com a renda destinada aos famintos funcionários botafoguenses. Viva o Mengão. **Ivo Orlando Fiedler**, 615 W, 150 ST, ap. AI, Nova York, 10031.

Vamos escrever para Orlando?

PRÓ E CONTRA

Numa época em que todos procuram puxar saco de estrêlas apagadas, **Placar** deu uma de inteligência e bom senso na escolha de Reyes para a **Bola de Prata**. **Arildo Bernacchi**, Rio, GB.

Já que o Palmeiras foi o melhor time do Robertão na fase de classificação, devia ter pelo menos dois jogadores na **Bola de Prata**. **Roberto Pimentel**, São Paulo, SP.

Placar é mágica. Conseguiu formar a seleção da Taça de Prata sem incluir um jogador do Palmeiras, que tem a defesa menos vazada do torneio. **Ademir Rigo**, Jacareí, SP.

Já fomos acusados de parciais, de cegos, de não entender de futebol. Agora sabemos que somos mágicos.

O PARANÁ SUMIU?

Saibam, chupadores-de-cana, guerra é guerra. Por isso digo que o futebol pernambucano é mais maluco e baratinado do que o trânsito de Curitiba, considerado um dos piores do Brasil. **Carlos Roberto Gorges**, Curitiba, PR.

O Atlético Paranaense quer reforçar o time. Eis alguns craques que temos aqui à disposição: Tesourinha, Ortunho e Paulo Lumumba. **Marcelo Bastos**, Pôrto Alegre, RS.

O futebol paranaense anda mais por baixo do que casco de submarino. **Lauri Müller**, Três de Maio, RS.

E DEPOIS CAIU

Paulistas, cariocas e gaúchos, em têrmos de futebol, não passam de alunos dos mineiros. Haja saco para aturar êstes otários. **Sinval Brochard**, Pedro Leopoldo, MG.

Saibam cariocas, gaúchos e paulistas, porque o Cruzeiro foi o campeão do Grupo B: 1) ataque mais positivo; 2) maior saldo de gols; 3) jôgo de maior renda; 4) maior goleada da Taça (6 a 0, sôbre a Ponte); 5) o time que melhor se apresentou fora de casa: cinco vitórias, duas derrotas e um empate. **João Soares**, Nanuque, MG.

ALÔ, VOVÓ

Deve ter sido muito engraçado vocês fotografarem a avó do João Barroso da Silva andando de bicicleta, conforme êle prometeu no **Placar** 35. **Antônio França**, Catolé da Rocha, PB.

O João anda meio desaparecido. Acreditamos que tentando convencer sua avó a pagar a aposta que êle fêz.

Agora que o Flamengo está desclassificado, gostaria que o Francisco Paulino de Medeiros me informasse o dia e a hora em que pretende subir, montado em um calango, o Pão de Açúcar. Quero fotografá-lo. **Flávio Roberto Perondi**, São Paulo, SP.

correio

Os que querem trocar cartas: com santistas, **Francisco Carlos Nascimento**, Rua Petrópolis, 65, Guarujá, SP; com torcedores do CRB, de Maceió, **João Ribeiro**, Rua Clodoaldo da Fonseca, 31, Palmeira dos Índios, AL.

Com santistas, flamenguistas e atleticanos, **Egon Carlos Hoyla**, caixa postal 173, Uberaba, MG; com rondonianos, acreanos, amapaenses e roraimanos, **Isaías Jairo Castoldi**, caixa postal 42, Roca Sales, RS; com atleticanos, são-paulinos e vascaínos, **Raimundo Nonato**, Avenida Tenente Lisboa, 1506, Casa 8, Fortaleza, CE; com rubro-negros e corintianos, **Lígia Regina Melo**, Rua Belfor Roxo, 271, ap. 201, Copacabana, Rio, GB; com santistas, vascaínos e atleticanos, **Eudes Silva**, Rua São Sebastião, 1065, Vitorino Freire, MA; com atleticanos, santistas e rubro-negros, **Maria Conselo Santos**, Rua Saturnino Soares, 359, Itabuna, BA; com rubro-negros e corintianos, **Nilton do Rosário**, Rua Artur Emiliano Costa, 180, Campos, RJ; com corintianos e gremistas, **João Ferreira**, Rua Constant della Mariga, 95, Mauá, SP; com vascaínos, corintianos e torcedores do Bahia, **Carlos Augusto de Azevedo**, Rua Ibirapuera, 82, Feira de Santana, BA; com gremistas, corintianos e tricolores, **Sonia Rangel**, Rua 24 de Outubro, 859, ap. 22, Pôrto Alegre, RS; com rubro-negros e colorados, **Renato Andrino**, Rua Barão de Cotegipe, 390, Rio Grande, RS; com corintianos, colorados e torcedores do Bahia, **Vera Lúcia**, Rua Ibirapuera, 82, Feira de Santana, BA; com cruzeirenses, ... gros e torcedores do Ba... **nia dos Reis**, Avenida ... nas, 718, ap. 504, Belo ... te, MG; com botafo... santistas e colorados, **Rangel**, Rua 24 de ... 859, ap. 22, Pôrto Ale... com santistas, rubro-n... atleticanos, **Vladimir L...** José Paulino, 474, C... SP; com rubro-negros, ... guenses e palmeirenses **Verissimo**, Rua Ermel... 536, Paranaguá, PR.

Com torcedoras de todo ... sil, **José Salgado**, Rua Jo... liciano, 43, Jacareí, SP; **Ribeiro**, Rua São Pedro, ... Floriano, PI; **Elmo Sa...** Rua Comendador Antôn... ves, 201, Pedro Leopol... com cariocas, **Nicolau T...** Conselheiro Crispiniano, ... 1103, São Paulo, SP; ... bro-negras, **Jadir Marqu...** nida Almirante Barroso, ... 920, Rio, GB; **Décio L...** caixa postal 1522, Brasíli... **Antônio Carlos Aguiar**, ... Conceição, 101, ap. 807, ... rói, RJ; **Edilson Figueired...** Alfredo Meneses, 630, ... RJ; com vascaínas, **Joel ...** rães, Rua Horácio Sousa ... tinho, 37, Susano, SP; co... rintianas, coloradas e tric... **Osvaldo de Paiva**, ... e Silva, 343, ... PE; com cor... renses, **Benedi...** cuidados de C... Siqueira Camp... dos Campos, ...

Com torcedores ... sil: **Ricardo M...** Francisco Pedro ... Guaraci, SP; ... Avenida Aden... Feira de San... **Leite**, Rua Pa... São Paulo, S... caixa postal 48, ... xias, RJ; **Leopol...** Demétrio Ribeir... Alegre, RS; **Clél...** Anita Garibaldi, ... gre, RS; **Dayv...** Quintino Bocaiúv... Paulo, SP; **Marti...** Dr. Flôres, 372, ...

GALO BRIG...

Que barbaridade. Será ... cês não têm vergonha ... tantos pontos na Bola ... ao Cincunegui, que só ... de pancadaria, de viol... jôgo desleal? Vamos s... nhos com os de fora, ... já é exagêro. **Antônio ...** Catolé da Rocha, PB.

Tunico, bonzinho é bu... carrega pêso e ainda ... rabo de alegria. A Bola ... foi disputada na durez... nhou quem mereceu.

Os mineiros estavam m... bolas com o Galo, es... de que o bicho, quand... seu galinheiro, apanha ... bu e do Periquito. **Antô... de Carvalho**, Resende, ...

resolva êste jôgo

1 — Mickey fêz o gol que classificou o Fluminense para as finais do Robertão, contra o Atlético Paranaense. Depois fêz o 3 gols do tricolor na fase final. Êle foi para o Rio êste ano. De onde saiu?
a) Santa Catarina
b) Espírito Santo
c) Piauí

2 — Cafuringa, Oliveira, Didi (foto) e Lula jogaram as dezenove partidas do Fluminense no Robertão. Dessas partidas, o Flu venceu dez e perdeu quatro. Seu ataque fêz 29 gols. E sua defesa, quantos tomou?
a) 16
b) 18
c) 21

3 — Entre Taça Guanabara, Campeonato Carioca e Robertão, o Flu fêz 51 jogos neste ano. Venceu 29, perdeu sete e empatou o resto. Seu artilheiro foi Flávio. Dos 89 gols do tricolor em 70, quantos Flávio fêz?
a) 40 gols
b) 37 gols
c) 45 gols

4 — No fim da fase de classificação, Flávio e Claudiomiro dividiam a liderança da artilharia, com 11 gols. Êles não jogaram nas finais e Tostão acabou artilheiro, com 12. Quantos Tostão fêz na fase final?
a) 2
b) 3
c) 1

5 — Participando pela quarta vez das finais do Robertão, o Palmeiras, como vice-campeão, garantiu sua participação na Libertadores. Seu ataque fêz 24 gols no Robertão. Seu artilheiro fêz 6. Quem foi?
a) Ademir da Guia
b) César
c) Edu

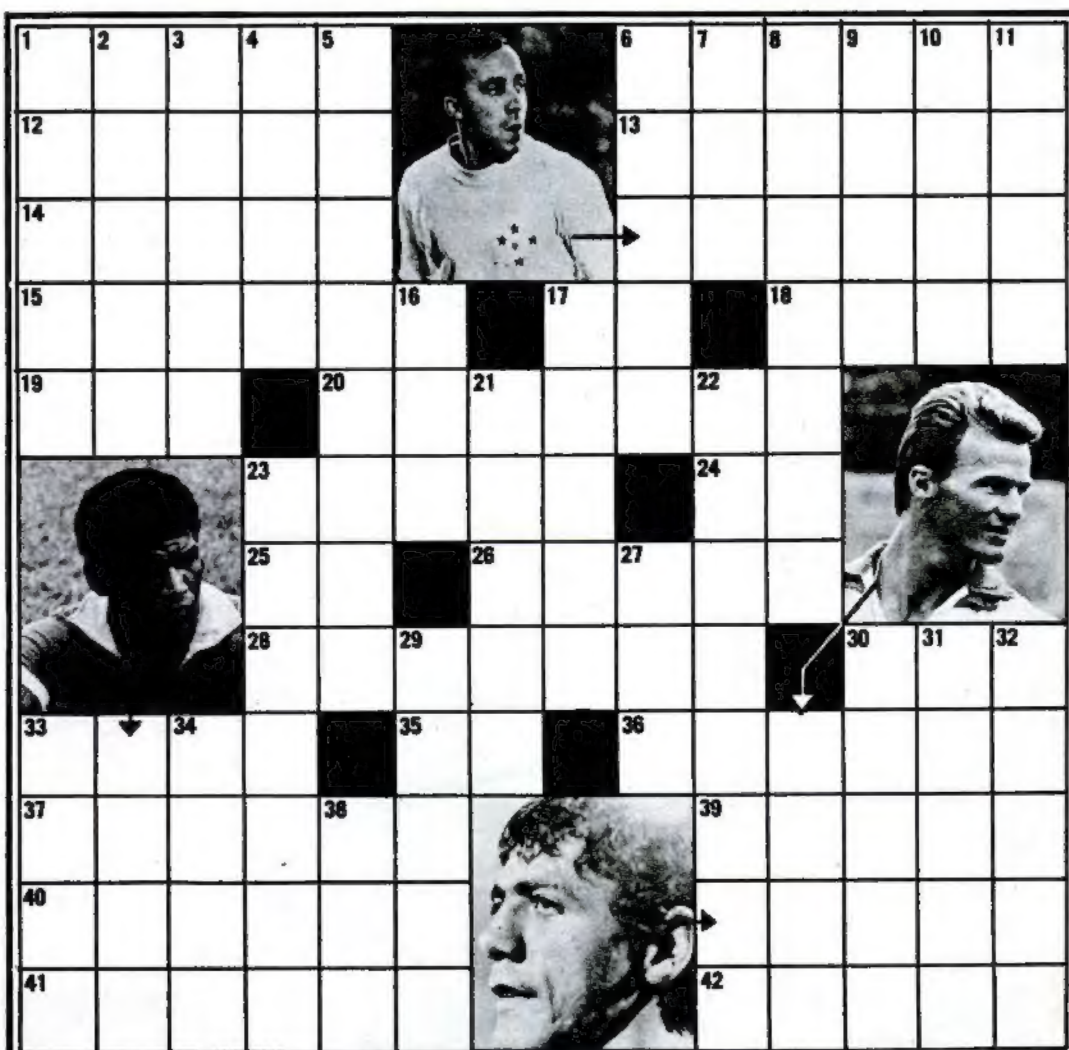
6 — Nas duas fases do Robertão o Cruzeiro não bateu em nenhum finalista: perdeu duas vêzes para Palmeiras e Fluminense. Já com o Galo, não foi assim. Êle conseguiu vencer um dos finalistas. Qual?
a) Cruzeiro
b) Palmeiras
c) Fluminense

HORIZONTAIS

1 — O mesmo que oliveira. 6 — Espécie de clava que servia aos sacrifícios humanos. 12 — A língua falada pelos romanos antigos. 13 — Amolecer, abrandar. 14 — Prêso, tolhido. 15 — Craque do Avaí, de Santa Catarina. 17 — Vento. 18 — Grande confusão ou desordem. 19 — Que maçada! 20 — O quarto estômago dos ruminantes. 23 — Nome de mulher. 24 — Fisionomia (figurado). 25 — Pedra de moinho. 26 — Congênito. 28 — Cidade do Ceará. 30 — Pedra. 33 — Atacante do Santos. 35 — Marco Antônio. 36 — Pregador. 37 — Partida de futebol mal jogada ou de pouco interêsse. 39 — Na antiga Esparta, nome que se dava aos prisioneiros reduzidos a escravos. 40 — Que ata. 41 — De Roma. 42 — Tomara!

VERTICAIS

1 — Antigo jogador do Olaria. 2 — Ladrar. 3 — Italiana. 4 — Videira. 5 — Que amola. 6 — Aquêle que é campeão quatro vêzes seguidas. 7 — Patrão, senhor. 8 — Enrugamento da pele. 9 — Não baixa. 10 — Brinquedo de criança. 11 — Um dos nomes de Cupido. 16 — Associação Brasileira de Imprensa (sigla). 17 — Suave, branda. 21 — Estabelecimento onde se vendem óculos. 22 — Cordaz. 23 — Metida em mala. 27 — Ação, feito. 29 — Antigo craque do América, do Rio. 30 — Velha. 31 — Soma. 32 — Montanha onde parou a arca de Noé. 33 — Tatu-bola. 34 — Nome bíblico de uma vasta província da Pérsia. 38 — Rio da Rússia.



Respostas do teste: 1 — Santa Catarina; 2 — 16; 3 — 37 gols; 4 — 2; 5 — Ademir da Guia; 6 — Fluminense.

RESPOSTAS

HOR.: oliva, tacape, latim, emolir, atado, Tostão, Vilela, ar, caos, ora, abomaso, Edite, ar, mó, inato, Aracati, ita, Abel, má, orador, pelada, ilota, atador, César, romano, oxalá. **VERT.:** Olavo, latir, ítala, vide, amolador, tetra, amo, coscoro, alta, pião, Eros, ABI, amena, ótica, satírico, emalada, ato, Amaro, idosa, total, Arará, apar, Beto, Elam, Alex, Don.

Preferência nacional

Material chroniony prawem autorskim